

NORA ROBERTS

A VILLA



*À família, que cria as raízes.
Aos amigos, que as fazem florescer.*

PRÓLOGO

Na noite em que foi assassinado, Bernardo Baptista optou por uma refeição simples ao jantar, de pão com queijo e uma garrafa de *Merlot*. O vinho era algo novo, ao contrário de Bernardo. Nem sequer ia continuar a envelhecer.

Como o pão e o queijo, Bernardo era um homem simples. Vivia na mesma casa pequena, nas simpáticas colinas a norte de Veneza, desde que casara, há cinquenta e um anos. Criara ali os cinco filhos. Fora ali que a esposa falecera.

Agora com setenta e três anos, Bernardo vivia sozinho, com quase a família toda ali ao lado, nas redondezas da grande vinha Giambelli onde trabalhara desde a juventude.

Conheceu *La Signora* quando esta era apenas uma rapariguinha, e haviam-lhe ensinado a tirar o chapéu sempre que ela passava. Mesmo agora, se Tereza Giambelli regressava da Califórnia para o *castello* e a herdade, parava sempre que o via. E ficavam a conversar sobre os velhos tempos, quando o avô dela e o dele tinham começado a trabalhar nas vinhas.

Signore Baptista, era como ela lhe chamava. Com respeito. Ele nutria um grande apreço por *La Signora*, e fora leal a ela e aos seus a vida toda.

Há mais de sessenta anos que fazia parte da produção do vinho Giambelli. Muita coisa mudara — algumas para melhor, na opinião de Bernardo, outras nem tanto. Já vira muita coisa.

Na opinião de alguns, até de mais.

As vinhas, tranquilas na dormência do Inverno, em breve seriam podadas. A artrite não o deixava fazer muito trabalho braçal, como um dia fizera, mas ainda assim, todas as manhãs saía para ver os filhos e netos a darem continuidade à tradição.

Um Baptista trabalhara sempre para os Giambelli. E na cabeça de Bernardo, sempre o faria.

Na última noite dos seus setenta e três anos de idade, cuidara das vinhas, as suas vinhas, para ver o que já se havia feito, o que ainda era preciso fazer, a ouvir o vento de Dezembro assobiar nas pernas das uvas.

Da janela por onde esse vento tentava penetrar, conseguia ver as videiras subir as encostas com firmeza. Com tempo, haveriam de ganhar forma e vida, e não definhar como acontecia com o homem. Tal era o milagre da vinha.

Consequia ver as sombras e as formas do grande *castello*, que dominava sobre aquelas vinhas, e dominava também os que cuidavam delas.

Agora dominava a solidão, à noite, no Inverno, quando apenas os criados dormiam no *castello* e as uvas ainda não haviam brotado.

Ansiava pela Primavera, e o longo Verão que se seguia, quando o Sol lhe aquecia as entranhas e amadurecia a fruta verde. Ansiava, como sempre acontecia, por mais uma vindima.

Bernardo sofria com o frio, bem entranhado nos ossos. Pensou em aquecer um pouco da sopa que a neta lhe levara,

mas a sua Annamaria não era a melhor das cozinheiras. Com a ideia no pensamento, remediou-se com o queijo e provou o belo vinho encorpado sentado em frente à pequena lareira.

Tinha orgulho do trabalho de uma vida, sabendo que parte dele se encontrava no copo que reflectia o lume, e brilhava num vermelho muito profundo. O vinho fora um presente, um dos muitos que recebera com a reforma, apesar de todos saberem que se tratava de uma reforma puramente formal. Apesar dos ossos doridos e do coração cada vez mais fraco, Bernardo ia a pé pela vinha provar as uvas, contemplar o céu e sentir o aroma do ar.

Vivera para o vinho.

Morrera por ele.

Bebia, dormitando diante da lareira, com uma manta enrolada nas pernas magras. Pela sua mente passavam imagens de campos banhados pelo Sol, da mulher a sorrir, via-se a mostrar ao filho como dar sustentação a uma vinha jovem, a podar outra já madura. *La Signora* a seu lado, entre as filas de vinhas que os seus avós haviam semeado.

Signore *Baptista*, dissera ela, quando os seus rostos ainda eram jovens, *deram-nos um mundo. Temos de o proteger.*

E assim haviam feito.

O vento assobiava nas janelas da sua pequena casa. O lume esmorecia nas brasas.

E quando a dor chegou como um soco em cheio, apertando-lhe o coração de morte, o seu assassino estava a cerca de dez mil quilómetros de distância, rodeado de amigos e sócios, a apreciar um salmão perfeitamente estufado e um belo *Pinot Blanc*.

PRIMEIRA PARTE

A PODA

*Um homem é um molho de relações,
um nó de raízes, cuja flor e frutos são o mundo.*

— RALPH WALDO EMERSON

1.

A garrafa de *Castello di Giambelli Cabernet Sauvignon*, '02, leiloadada por cento e vinte e cinco mil e quinhentos dólares, americanos. Uma quantia avultada, pensava Sophia, por um misto de vinho e sentimentos. O vinho naquela bela garrafa velha fora produzido das uvas vindimadas no ano em que Cezare Giambelli se estabelecera na herdade do Castello Giambelli, num pedaço de terra da encosta de uma colina, a norte de Veneza.

Naquele tempo, o *castello* só podia ser encarado como uma piada ou um supremo optimismo, dependendo do ponto de vista. A casa modesta de Cezare e a pequena vinha no sopé rochoso andavam longe das dimensões de um castelo. Mas as vinhas eram soberbas e delas conseguira construir um império.

Passado quase um século, era provável que um superior *Cabernet Sauvignon* ficasse melhor como tempero para salada do que bebido, mas não era a sua função discutir com o homem que tinha o dinheiro. A sua avó tinha razão, como sempre. Iam pagar, regiamente, pelo privilégio de serem donos de um pedaço da história dos Giambelli.

Sophia tomou nota da licitação final e do nome do

comprador, apesar da improbabilidade de o vir a esquecer, para o relatório que ia enviar à avó, assim que terminasse o leilão.

Estivera presente não só como relações públicas executiva que concebera e implementara a promoção e o catálogo do leilão, mas também como representante da família Giambelli naquele evento exclusivo e cerimonial.

Assim sendo, ficou sentada em silêncio ao fundo da sala, a observar a licitação, bem como a apresentação.

Cruzara as pernas numa linha longa e elegante. As costas direitas como as de uma noiva. Envergava um fato preto plissado, italiano, feito à medida, que lhe dava um ar empresarial e, ao mesmo tempo, imensamente feminino.

Era mesmo essa a imagem que Sophia acalentava de si mesma.

O rosto anguloso, o triângulo de um dourado pálido dominado pelos olhos grandes, de um castanho profundo e uma boca grande e inconstante. As maçãs do rosto aguçadas como gelo, o queixo a ponta de um diamante, esculpindo uma aparência em parte de fada, em parte de guerreira. De forma deliberada e implacável, usava o rosto como arma quando lhe parecia mais oportuno.

As ferramentas, acreditava ela, existiam para serem utilizadas, e bem.

Há um ano, decidira cortar o cabelo que deixara crescer até à cintura, num capacete preto e curto com a franja espeta-da a cobrir-lhe a testa.

Ficava-lhe bem. Sophia sabia exactamente o que lhe ficava bem.

Ostentava o colar solitário de pérolas antigas que a avó lhe oferecera quando fizera vinte e um anos, e uma expressão de interesse cortês. Classificava-o como o olhar de conselho administrativo do pai.

Os seus olhos brilhavam, e os cantos da boca larga curvaram ligeiramente, ao ver exibido o artigo seguinte.

Era uma garrafa de *Barolo*, '34, do casco que Cezare baptizara *Di Tereza*, em homenagem ao nascimento da sua avó. Aquela reserva particular exhibia uma fotografia de Tereza com dez anos no rótulo, no ano em que o vinho envelhecera o bastante em carvalho, para ser engarrafado.

Agora, com sessenta e sete anos, Tereza Giambelli era uma lenda, cujo nome como produtora de vinho suplantara até o do seu avô.

Era a primeira garrafa daquela colheita a ser posta à venda, ou a sair da família. Tal como Sophia esperava, a licitação estava animada e enérgica.

O homem sentado ao lado de Sophia batia com o catálogo onde dominava a fotografia da garrafa. — Você é parecida com ela.

Sophia mudou ligeiramente de posição, primeiro sorrindo para ele, um homem de boa aparência cuja idade deveria rondar os sessenta anos, e depois para a fotografia da menina que olhava com ar sério da garrafa de tinto no catálogo dele. — Obrigada.

Marshall Evans, lembrava-se ela. Imobiliário, Fortuna 500 de segunda geração. Gostava de saber os nomes e as estatísticas importantes dos curiosos e coleccionadores de vinhos com bolsos largos e gosto imperioso.

— Esperava que *La Signora* viesse ao leilão de hoje. Encontra-se bem?

— Bastante. Mas muito ocupada.

O *beeper* no bolso do casaco vibrou. Algo irritada pela interrupção, Sophia ignorou-o para ver a licitação. Os seus olhos perscrutavam a sala, reparando nos sinais. O erguer de dedo casual na terceira fila elevou o preço em mais quinhentos. Um aceno discreto da quinta fila superou-o.

Por fim, o *Barolo* distanciou-se do *Cabernet Sauvignon* por quinze mil, e ela virou-se, estendendo a mão para o homem ao seu lado.

— Parabéns, Sr. Evans. A sua contribuição para a Cruz Vermelha Internacional será bem aplicada. Em nome dos Giambelli, família e empresa, espero que aprecie o seu prémio.

— Disso não tenha dúvidas. — Pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. — Tive o prazer de conhecer *La Signora* há muitos anos. É uma mulher extraordinária.

— Pois é.

— Talvez a neta dela queira fazer-me companhia ao jantar, esta noite?

Ele tinha idade para ser pai dela, mas Sophia era demasiado europeia para considerar isso um obstáculo. Noutra altura, teria acedido, e sem dúvida apreciado a companhia dele. — Lamento, mas tenho um compromisso. Talvez da próxima vez que vier ao Leste, se estiver livre.

— Farei por isso.

Deixando o calor espalhar-se no sorriso, ela levantou-se. — Com a sua licença.

Deslizou para fora da sala, tirando o *beeper* do bolso para ver o número. Retirou-se para a casa de banho das senhoras, a olhar para o relógio e a tirar o telefone da mala. Depois de marcar o número, sentou-se num dos sofás e pousou o bloco de notas e a agenda electrónica no colo.

Depois de uma semana longa e exigente em Nova Iorque, ainda se sentia enérgica e, passando os olhos pelos apontamentos, ficou satisfeita por ainda ter tempo de ir fazer umas compras, antes de mudar de roupa e sair para jantar.

Jeremy DeMorney, pensava ela. Tudo indicava que seria uma noite sofisticada e elegante. Restaurante francês, conversa sobre gastronomia, viagens e teatro. E, claro, sobre vinho.

Como era herdeiro dos DeMorney das vinhas *La Coeur*, e ocupava um cargo executivo de primeira linha na empresa, e sendo ela accionista da Giambelli, decerto que haveria tentativas jocosas de sacar um segredo empresarial aqui ou ali.

E haveria champanhe. Do bom, era mesmo o que lhe estava a apetecer.

Tudo seguido de uma tentativa flagrantemente romântica de a levar para a cama. Perguntava-se se lhe ia apetecer isso também.

Ele era atraente, pensava, e até podia ser divertido. Talvez se ambos não tivessem consciência de que o pai dela um dia fora para a cama com a mulher dele, a ideia de um pouco de romance entre ambos não ia parecer tão estranha, e de certa forma incestuosa.

Ainda assim, haviam passado alguns anos...

— Maria. — Sophia arrumou num recanto da sua mente Jerry e a noite que se avizinhava, quando a governanta atendeu. — Recebi uma chamada da linha da minha mãe. Ela está disponível?

— Oh, sim, Menina Sophia. Ela estava à espera que telefonasse. É só um instante.

Sophia imaginava a mulher a apressar-se pelo corredor, a procurar nas várias divisões algo para arrumar, quando Pilar Giambelli já havia tratado de arrumar tudo sozinha.

À mamã, pensava Sophia, bastava uma pequena cabana pintada em tons rosa onde pudesse fazer pão, tricotar e cuidar do jardim. *Poderia ter tido meia dúzia de filhos*, pensava Sophia com um suspiro. *Mas teve de se contentar comigo.*

— Sophie, ia agora mesmo para a estufa. Espera. Deixa-me recuperar o fôlego. Não esperava que ligasses tão cedo. Pensava que estavas a meio do leilão.

— Já acabou. E acho que podemos afirmar que foi um

sucesso sem precedentes. Vou enviar-te um fax com o relatório dos pormenores esta noite, ou logo pela manhã. Agora tenho mesmo de ir andando para tratar dos detalhes. Está tudo bem por aí?

— Mais ou menos. A tua avó convocou-nos para uma reunião.

— Oh, mamã, ela não está a morrer outra vez. Já passámos por isso há uns seis meses.

— Oito, — corrigiu Pilar. — Mas quem é que está a contar? Lamento, querida, mas ela insiste. Não me parece que desta vez esteja com ideias de morrer, mas está a planear alguma coisa. Chamou os advogados para mais uma reavaliação do testamento. E deu-me o camafeu da mãe dela, o que significa que está a pensar no futuro.

— Pensava que já to tinha dado da última vez.

— Não, da última vez foi o colar de âmbar. Está a convocar toda a gente. Tens de voltar.

— Está bem, está bem. — Sophia desceu o olhar para a agenda e lançou um beijo de despedida virtual a Jerry DeMorney. — Vou despachar-me daqui e ponho-me a caminho. Mas a sério, mamã, este novo hábito dela morrer ou ressuscitar de um mês para o outro é muito inconveniente.

— És boa rapariga, Sophie. Vou deixar-te o meu colar de âmbar.

— Muito agradecida. — Com uma gargalhada, Sophia desligou.

Duas horas depois, já voava para oeste a especular se dali a quarenta anos teria o poder de estalar os dedos e pôr todos de joelhos.

A mera ideia fê-la sorrir, ao recostar-se com uma taça de champanhe e Verdi a tocar nos auscultadores.

Nem todos se ajoelhavam. Tyler MacMillan podia estar a minutos, e não a horas de distância da Villa Giambelli, que ainda assim achava as vinhas muito mais urgentes do que as convatórias de *La Signora*.

E foi o que disse.

— Ora, Ty. Podes tirar umas horas.

— Agora não. — Ty caminhava pelo gabinete, ansioso por voltar aos campos. — Desculpe, avô. Sabe como é importante a poda do Inverno, e a Tereza também. — Mudou o telemóvel para a outra orelha. Odiava telemóveis. Passava a vida a perdê-los. — As vinhas MacMillan precisam de tantos cuidados quanto as Giambelli.

— Ty...

— Deixou-me como responsável. Só estou a fazer o meu trabalho.

— Ty, — repetiu Eli. Sabia que com o neto os problemas tinham que ser apresentados de uma forma muito básica. — Eu e a Tereza somos tão dedicados aos vinhos MacMillan quanto aos Giambelli, e é assim há vinte anos. Ficaste responsável por seres um vinicultor excepcional. A Tereza tem planos. Esses planos incluem-te.

— Para a semana.

— Amanhã. — Eli não batia o pé muitas vezes; não fazia o seu género. Mas quando era necessário, fazia-o de forma implacável. — À uma. Para o almoço. Vem vestido em condições.

Tyler franzia o sobrolho para as botas e as bainhas esfarrapadas das calças grossas. — Isso corta a porcaria do dia todo.

— És o único capaz de podar as vinhas na MacMillan, Tyler? Aparentemente, perdeste alguns empregados na última colheita.

— Vou lá ter. Mas diga-me uma coisa.

— Claro.

— É a última vez que ela vai morrer por uns tempos?

— À uma, — respondeu Eli. — Tenta chegar a horas.

— Pois, pois sim, — resmungou Tyler, mas só depois de ele desligar.

Adorava o avô. Até adorava Tereza, talvez por ela ser tão rabugenta e irritante. Quando o seu avô se casou com a herdeira Giambelli, Tyler tinha onze anos. Apaixonara-se pelas vinhas, pelas encostas das colinas, as sombras das caves, as grandes caves das adegas.

E num sentido bem mais real, apaixonara-se por Tereza Louisa Elana Giambelli, aquela figura de ancas finas, direita como uma estaca e algo assustadora, que vira pela primeira vez, envergando botas e calças não muito diferentes das suas, avançando pelas plantas da mostarda entre as filas crescentes de videiras.

Ela olhara-o de relance, erguendo a sobrancelha negra aguçada como uma lâmina, catalogando-o de cidadão molenga. Se era seu neto, fez questão de lhe dizer, teria de enrijecer.

Ordenara-lhe que passasse o Verão na *villa*. Ninguém pensara em discutir o assunto. Certamente que nem os pais dele, que ficaram mais do que felizes por o despejarem durante um período alargado, ficando livre para festas e amantes. Por isso ficara, pensava Tyler agora, ao caminhar para a janela. Verão após Verão, até as vinhas se tornarem mais a sua casa do que a de São Francisco, até que ela e o avô fossem mais seus pais do que os verdadeiros.

Ela fizera dele quem era. Podara-o com onze anos e treinara-o para ser o adulto que agora se revelava.

Mas não era dona dele. Era irónico, imaginava, que todo

o trabalho que teve o moldasse como a única pessoa sob a sua alçada com mais probabilidades de ignorar as suas exigências.

Claro que era mais difícil ignorar as exigências quando ela e o avô se uniam. Encolhendo os ombros, Tyler saiu do gabinete. Podia dispensar umas horas, e eles sabiam disso tão bem quanto ele. As vinhas MacMillan empregavam os melhores, e podia muito bem ausentar-se durante quase toda a colheita, com confiança nos que deixasse no comando.

A verdade pura e simples era que odiava os grandes eventos espalhafatosos que os Giambelli criavam. Invariavelmente, eram como um circo, com as três pistas cheias de números coloridos. Era impossível acompanhar, e havia sempre a possibilidade de um tigre fugir da jaula e saltar-lhe ao pescoço.

Toda aquela gente, todas as questões, todas as pretensões e divergências obscuras. Era mais feliz a caminhar pelas vinhas, a verificar os cascos, ou na conversa com um dos seus produtores, para discutir as qualidades do *Chardonnay* daquele ano.

As obrigações sociais eram apenas isso. Obrigações.

Passou pelo charmoso corredor da casa, que fora do seu avô, para a cozinha, onde voltou a encher o termo de café. Distraído, pousou em cima do balcão o telemóvel que ainda trazia consigo e começou a reorganizar a agenda na cabeça, para agradar a *La Signora*.

Já não era cidadão ou maneirista. Tinha mais de um metro e oitenta e um corpo esculpido pelo trabalho no campo, bem como uma preferência pela vida ao ar livre. Tinha as mãos grandes e, apesar das calosidades, os dedos compridos sabiam como mergulhar delicadamente nas parras à procura da uva. Quando não se lembrava de cortar o cabelo, os caracóis evidenciavam-se, o que acontecia muitas vezes, e o castanho-escuro revelava laivos arruivados, como um *burgundy*

envelhecido ao sol. O seu rosto angular era mais enrugado do que bonito, com rugas que se esbatiam junto aos olhos, de um azul límpido e sereno, que podiam endurecer como aço.

A cicatriz junto ao maxilar, que ganhara numa queda nas rochas aos treze anos, apenas o aborrecia quando se lembrava de se barbear.

Já sabia que teria de o fazer antes de ir almoçar, no dia seguinte.

Quem trabalhava para ele considerava-o um homem justo, por vezes de ideias fixas. Tyler teria apreciado a análise. Também o consideravam um artista, o que o teria deixado confuso.

Para Tyler MacMillan, o artista era a uva.

Saiu para o ar brusco do Inverno. Tinha duas horas até o Sol se pôr, e vinhas para cuidar.

Donato Giambelli tinha uma dor de cabeça de proporções gigantescas. Chamava-se Gina, e era a sua esposa. Quando recebeu a convocatória de *La Signora*, estava agradavelmente entretido numa sessão de sexo voraz com a amante do momento, a multifacetada actriz de coxas tão poderosas que eram capazes de quebrar nozes. Ao contrário da esposa, a única coisa que a amante exigia era uma bugiganga ocasional e uma cambalhota suada três vezes por semana. Não precisava de conversa.

Havia alturas em que pensava que Gina não precisava de mais nada.

Resmungava com ele. Resmungava com cada um dos seus três filhos. Resmungava com a mãe dele até o ar do jacto da empresa vibrar com o chorrilho infundável de palavreado.

Entre ela, os gritos do bebé, o martelar do pequeno Cezare e a inquietação de Tereza Maria, Don pensava seriamente em

abrir a porta e empurrar a família inteira do avião, precipitando-a no esquecimento.

Apenas a sua mãe estava calada, e só porque tomara um comprimido para dormir, um comprimido para o enjoo, um comprimido para a alergia e sabe Deus que mais, regando todos com dois copos de *Merlot*, antes de colocar a máscara nos olhos e cair para o lado.

Ela passara quase a vida toda, pelo menos a parte que ele conhecia, sob medicação e catatónica. De momento, encarava isso como sabedoria superior.

Só lhe restava ficar sentado, as têmporas a latejar, a amaldiçoar a tia Tereza para as profundezas do Inferno por insistir que a família toda viajasse.

Era o vice-presidente executivo da Giambelli, em Veneza, ou não? Qualquer negócio que fosse realizado exigia a sua presença, e não a da família.

Porque é que Deus o amaldiçoara com uma família daquelas?

Não que não gostasse deles. Claro que gostava deles. Mas o bebé era gordo como um peru, e ali estava Gina, a agarrar na mama para lhe saciar a gula.

Outrora, aquela mama fora uma obra de arte, pensava ele. Dourada e firme, com sabor a pêssego. Agora, estava esticada como um balão inchado e, se estivesse para aí virado, sabia a baba de bebé.

E a mulher já começava a protestar com vontade de ter outro.

A mulher com quem casara era madura, luxuriante, com uma carga sexual intensa e de cabeça vazia. Era uma perfeição. Em apenas cinco anos ficara gorda, desleixada e com a cabeça povoada de bebés.

Era de admirar que procurasse consolo noutra lugar?

— Donny, acho que a *zia* Tereza te vai dar uma grande promoção, e que nos vamos mudar para o *castello*. — Ela ansiava pela casa grande dos Giambelli: todos aqueles quartos adoráveis, os criados. Os filhos seriam criados no luxo, com privilégios.

Boas roupas, as melhores escolas e, um dia, a fortuna Giambelli aos seus pés.

Ela era a única a dar bebês a *La Signora*, não era? Devia contar para alguma coisa.

— Cezare, — disse ela para o filho, ao vê-lo arrancar a cabeça da boneca da irmã. — Pára com isso! Agora puseste a tua irmã a chorar. Então, vá lá, dá-me a boneca. A mamã arranja.

O pequeno Cezare, de olhos cintilantes, atirou a cabeça com satisfação por cima do ombro e começou a arreliar a irmã.

— Inglês, Cezare! — Espetou o dedo para ele. — Vamos para a América. Tens de falar em inglês com a *zia* Tereza e mostrar-lhe como és um menino inteligente. Vá lá.

Tereza Maria, a berrar com a morte da boneca, agarrou na cabeça decepada e desatou a correr pela cabina, num ímpeto de dor e raiva.

— Cezare! Faz o que a mamã diz.

Como resposta, o rapaz atirou-se ao chão, a esbracejar e a espernear.

Don levantou-se, afastando-se para se ir trancar no santuário do escritório aéreo.

Anthony Avano gostava de um toque de requinte. Escolhera a sua *penthouse* de dois andares na baía traseira de São Francisco, com perseverança e deliberação, e depois contratou um decorador de renome da cidade para a mobilar. Estatuto e estilo eram a grande prioridade. Consegui-los sem ter de realizar qualquer esforço, era outra.

Não percebia como um homem podia sentir-se confortável sem aqueles elementos básicos.

Os seus aposentos reflectiam o que pensava ser o gosto clássico: das paredes ondeadas e lustrosas como seda, os tapetes orientais, até à mobília de carvalho luzidio. Escolhera, ou os decoradores, materiais ricos em tons neutros com alguns salpicos de cores arrojadas dispostas com um cuidado artístico.

A arte moderna, que não lhe dizia absolutamente nada, era, segundo lhe disseram, uma contrapartida fantástica à elegância silenciosa.

Confiava, em grande medida, nos serviços dos decoradores, alfaiates, corretores, joalheiros e intermediários, que o orientavam para que se rodeasse apenas do melhor que havia.

Sabia-se que até alguns dos seus detractores haviam afirmado que Tony Avano nascera com bom gosto. E a maior parte provinha-lhe da boca. Não lhe passava pela cabeça questionar essa opinião. Mas o dinheiro, segundo Tony, comprava todo o bom gosto de que um homem precisava.

Era conhecedor de uma coisa. Os vinhos.

As suas caves estavam indiscutivelmente entre as melhores da Califórnia. Cada garrafa era seleccionada pessoalmente. Apesar de não saber distinguir um *Sangiovese* de um *Semillon* na vinha, e não mostrar qualquer interesse no crescimento das videiras, ele tinha um nariz superior. E esse nariz galgara com firmeza a escadaria corporativa da Giambelli, Califórnia. Há trinta anos, casara com Pilar Giambelli.

Demorara àquele nariz uns dois anos a começar a sentir a atracção do cheiro de outras mulheres.

Tony era o primeiro a admitir que as mulheres eram a sua fraqueza. Afinal de contas, elas eram tantas. Amara Pilar com uma tal profundidade, como era capaz de amar outro ser

humano qualquer. Sem dúvida que amara o seu cargo privilegiado na empresa Giambelli, como marido da filha de *La Signora* e pai da sua neta.

Por todos esses motivos, há muitos anos que tentava ser muito discreto com as suas fraquezas do foro íntimo. Até tentara, em inúmeras ocasiões, reformar-se.

Mas depois aparecia outra mulher, macia e perfumada, ou curvilínea e sedutora. O que é que um homem podia fazer?

A fraqueza eventualmente custou-lhe o casamento, num sentido técnico mais do que legal. Ele e Pilar estavam separados há sete anos. Nenhum dera o passo para o divórcio. Ela, sabia ele, por o amar. E ele por causa da carga de trabalhos e para não desagradar com agravo a Tereza.

De qualquer das formas, no que dizia respeito a Tony, a situação actual era conveniente para todos. Pilar preferia o campo, ele a cidade. Mantinham um relacionamento de amizade cordial, até razoável. E ele mantinha as funções como director de vendas da Giambelli, Califórnia.

Há sete anos que se equilibravam sobre aquela linha civilizada. Agora, tinha receio de estar prestes a cair no abismo.

Rene insistia em falar de casamento. Como um cilindro a vapor que deslizava pela estrada como seda, Rene possuía uma forma de avançar na direcção de um objectivo e derrubar todas as barreiras que encontrasse pelo caminho. Discutir com ela deixava Tony agastado e tonto.

Ela tinha uns ciúmes violentos, excessivos, exigentes e com tendência para amuos gelados.

Estava doido por ela.

Aos trinta e dois anos, era mais nova vinte e sete anos do que ele, o que lhe aflagava o ego bem desenvolvido. Saber que estava tão interessada no seu dinheiro quanto no resto não o incomodava nada. Respeitava-a por isso.

Mas preocupava-o saber que se lhe desse o que ela queria, ele acabaria por perder o objecto do seu desejo.

Era uma decisão tramada. Para a resolver, Tony fazia o que costumava para dar a volta às dificuldades. Ignorava, enquanto fosse humanamente possível.

Contemplando a vista da baía, a saborear um pequeno cálice de vermute, Tony esperava que Rene acabasse de se vestir para o compromisso daquela noite. E preocupava-o que o seu tempo tivesse chegado ao fim.

A campanha da porta levou-o a desviar o olhar, franzindo a testa. Não estavam à espera de ninguém. Como era a noite de folga do mordomo, foi ver quem era. O sobrolho carregado dissipou-se ao abrir a porta e ver a filha.

— Sophie, mas que bela surpresa.

— Pai.

Ela elevou-se nos dedos dos pés para lhe beijar a face. Imensamente bonito, como sempre, pensava. Os bons genes e um cirurgião plástico excelente assentavam-lhe bem. Fez os possíveis por ignorar o ressentimento súbito e instintivo, tentando focar-se no amor igualmente súbito e instintivo.

Era como se algo a puxasse sempre na direcção oposta do pai.

— Acabei de chegar de Nova Iorque, e queria ver-te antes de ir para a *villa*.

Perscrutava-lhe o rosto — liso, quase sem rugas e decerto sem preocupações. O cabelo escuro caía num grisalho atraente sobre as têmporas, os olhos azuis profundos, límpidos. Tinha um belo queixo quadrado com uma covinha ao centro. Ela adorava espetar lá o dedo quando era criança e de o fazer rir.

O amor que sentia por ele preenchia-a e emaranhava-se nesse ressentimento. Era sempre assim.

— Estou a ver que vais sair, — disse ela, reparando no *smoking*.

— Estava prestes. — Pegou-lhe na mão e puxou-a para dentro. — Mas ainda tenho muito tempo. Senta-te, princesa, e conta-me como estás. Queres beber alguma coisa?

Inclinou o copo dele na sua direcção. Ela cheirou, e aprovou. — Pode ser o que estás a beber.

Analizou a sala enquanto ele avançava até ao armário das bebidas. Um pretexto dispendioso, pensava ela. Só espectáculo e sem conteúdo nenhum. Tal como o pai.

— Vais até lá acima, amanhã?

— Onde?

Inclinou a cabeça, enquanto ele voltava para junto de si. — À *villa*.

— Não, porquê?

Pegou no copo, pensativa, ao beber. — Não recebeste uma chamada?

— Sobre o quê?

Lealdades diversas aglomeravam-se e revolviam dentro de si. Traíra a mãe, ignorava sem escrúpulos os seus votos desde que Sophia se conseguia lembrar e, no final de contas, deixara-as a ambas com um mero olhar de relance por cima do ombro. Mas continuava a ser da família, e estavam a chamar a família à *villa*.

— *La Signora*. Uma das suas convocatórias com advogados, pelo que me disseram. Também devias ir.

— Ah, bom, a sério, eu ia...

Interrompeu-se assim que Rene entrou.

Se existisse uma rapariga de calendário para a amante troféu, pensava Sophia ao sentir uma ligeira irritação a aflo-
rar, era Rene Foxx. Alta, curvilínea e loura platinada. O vestido Valentino exibia um corpo implacavelmente tonificado, e conseguia dar um ar subtil e elegante.

Tinha o cabelo apanhado em cima, puxado para trás para mostrar o seu rosto amoroso e cuidado com a boca farta e sensual, do colagénio, pensava Sophia, maliciosa, e olhos verdes franzidos.

Escolhera diamantes para combinar com o Valentino, que cintilavam num brilho intenso sobre a pele macia.

Sophia perguntava-se quanto é que aquelas pedras haviam custado ao seu pai.

— Olá. — Sophia bebia mais vermute para engolir alguma da amargura que tinha na língua. — Rene, não é?

— Sim, e já passaram quase dois anos. Ainda és a Sophia?

— Sim, há vinte e seis anos.

Tony pigarreava. Na sua opinião, nada era mais perigoso do que duas mulheres em fogo cruzado. O homem no meio de ambas é que apanhava sempre com a bala.

— Rene, a Sophia acabou de chegar de Nova Iorque.

— A sério? — Divertida, Rene pegou no copo de Tony e bebeu. — Isso explica porque estás com ar cansado, de quem acabou de viajar. Íamos agora sair para uma festa. Se quiseres, podes vir connosco, — acrescentou, enroscando o braço no de Tony, — devo ter ali alguma coisa no armário que te sirva.

Por mais que quisesse mostrar as garras a Rene, não ia fazê-lo depois de um voo de uma costa à outra e nem no apartamento do pai. Sophia haveria de escolher a hora e o local.

— É muito atenciosa, mas ia sentir-me constrangida a vestir algo que me ia ficar a nadar. E, — acrescentou, cobrindo as palavras de açúcar, — vou agora a caminho do norte. Assuntos de família. — Pousou o copo. — Divirtam-se esta noite.

Avançou para a porta, onde Tony a alcançou para lhe dar uma breve mas firme pancadinha no ombro. — Porque não vens connosco, Sophie? Estás muito bem assim. Estás linda.

— Não, obrigada. — Virou-se e os seus olhos encontraram-se. Os dele transbordavam de uma lamentação tímida. Era uma expressão que ela estava demasiado acostumada a ver para produzir efeito. — Não me sinto particularmente festiva.

Ele pestanejou ao vê-la fechar-lhe a porta na cara.

— O que é que ela queria? — Indagou Rene.

— Como já te disse, passou por cá.

— A tua filha nunca faz nada sem motivo aparente.

Ele encolheu os ombros. — Talvez tenha pensado que amanhã de manhã podíamos ir juntos de carro para norte. Tereza convocou toda a gente.

Rene franziu os olhos. — Não me contaste nada.

— Não fui convocado. — Deitou o assunto para trás das costas e pensou na festa e no impacto de ambos ao entrar nela. — Estás fabulosa, Rene. É uma pena tapar esse vestido, mesmo com pele de marta. Queres que te traga o xaile?

— Como assim, não foste convocado? — Rene bateu com o copo vazio na mesa. — A tua posição na Giambelli é de certeza mais importante do que a da tua filha. — E Rene queria que se mantivesse assim. — Se a velha chamou toda a família, deves ir. Amanhã vamos até lá.

— Vamos? Mas...

— É a oportunidade perfeita para a enfrentares, Tony, e para dizeres à Pilar que queres o divórcio. Hoje deitamo-nos cedo, para ambos termos a cabeça fresca. — Foi ter com ele, deslizando os dedos pela sua face.

Ela sabia que, para Tony, a manipulação incluía exigências firmes e compensações físicas, num equilíbrio sensato.

— E quando voltarmos para casa hoje à noite, vou mostrar-te o que podes esperar de mim quando casarmos. Quando voltarmos, Tony... — Inclinou-se e, provocadora, mordeu-lhe o lábio inferior. — Podes fazer o que quiseres.

— Vamos mas é esquecer a festa.

Ela riu-se, deslizando das mãos dele. — É importante. E assim tens tempo para pensar o que é que me queres fazer exactamente. Vai buscar-me a marta, sim, querido?

Naquela noite apetecia-lhe a marta, pensava Rene enquanto Tony acedia ao seu pedido.

Naquela noite, sentia-se rica.

2.

O vale e as colinas que se elevavam dele ostentavam uma fina camada de neve. As vinhas, soldados arrogantes e muitas vezes temperamentais, escalavam as encostas, os ramos despidos hirtos no silêncio da bruma, que transformava as montanhas circundantes em sombras subtis.

Sob a aurora brilhante, a herdade dormia um sono trémulo.

O cenário pacífico ajudara a cunhar uma fortuna, uma fortuna que seria de novo jogada, colheita após colheita. Tendo a natureza como parceira e inimiga.

Para Sophia, a produção de vinho era uma arte, um negócio, ciência. Mas também era a jogada mais arriscada da cidade.

Numa das janelas da *villa* da avó, estudava o campo de jogo. Estavam na época da poda, e imaginava que enquanto viajara, já tinham ido observar, estudar as vinhas, e já haviam começado as primeiras fases para a realização da vindima do ano seguinte. Sentia-se bem por a terem chamado, uma vez que assim podia ver pessoalmente todas essas fases.

Quando se ausentava, o negócio do vinho ocupava todas as suas energias. Raramente pensava na herdade quando vestia a farda de empresária. E sempre que voltava, como agora, não conseguia pensar noutra coisa.

Ainda assim, não conseguia ficar longe muito tempo. Tinha compromissos em São Francisco. Uma nova campanha publicitária para ser trabalhada. O centenário da Giambelli começava a ganhar forma. E com o sucesso do leilão em Nova Iorque, as etapas seguintes iam exigir a sua atenção.

Um vinho velho para o novo milénio, pensava. *Villa Giambelli*: o início da excelência do novo século.

Mas precisavam de algo novo, algo excitante para o mercado mais jovem. Para os que compravam aquele vinho sem pensar — num impulso rápido para levar para uma festa.

Bom, ia pensar no assunto. Era essa a sua função.

E ao pensar nisso, acabava por esquecer o pai e a ardilosa Rene.

Não tinha nada a ver com isso, lembrava-se Sophia. Não tinha que se meter no facto de o pai se querer juntar a uma antiga modelo de *lingerie* com um coração do tamanho e textura de uma uva passa. Não era a primeira vez que fazia figura de parvo, e sem dúvida que não seria a última.

Queria muito conseguir odiá-lo por isso, pela sua patética fraqueza de carácter, e a negligência inconsequente para com a sua filha. Mas não conseguia afastar aquele amor estável e permanente. Nisso, imaginava que era tão tola quanto a mãe.

Ele não queria saber de nenhuma delas mais do que queria saber do corte do fato. Não lhes dispensava dois minutos de pensamento, assim que saíam do seu alcance de visão. Era um patife. Imensamente egoísta, esporadicamente carinhoso e sempre irresponsável.

Imaginava que isso fizesse parte do seu encanto.

Desejava não ter passado por casa dele na noite anterior, desejava não se sentir compelida a manter aquela ligação entre eles, sem dar importância ao que ele fazia ou não.

Era melhor, pensava, manter-se em movimento, como

vinha a fazer nos últimos anos. A viajar, trabalhar, a ocupar o tempo e a vida com obrigações profissionais e sociais.

Dois dias, decidira. Ia dar à avó dois dias, passar tempo com a família, passar tempo nas vinhas e na herdade. Depois, ia voltar ao trabalho com sentido de vingança.

A nova campanha seria a melhor da indústria. Haveria de fazer por isso.

Ao passar os olhos pelas colinas, viu duas figuras a atravessar a bruma. O homem alto e desengonçado com um velho chapéu castanho na cabeça. A mulher direita como uma estaca de botas e calças masculinas, o cabelo branco como a neve que pisavam. Um *border collie* corria no meio de ambos. Eram os avós, a dar o passeio matinal com Sally, mais velhota e com uma lealdade incondicional.

Só de os ver ficou mais bem-disposta. O que quer que mudasse na sua vida, quaisquer que fossem as mudanças inevitáveis, aquilo era constante. *La Signora* e Eli MacMillan. E as vinhas.

Desapareceu da janela para ir buscar o casaco e juntar-se a eles.

Com sessenta e sete anos, Tereza Giambelli tinha um corpo e uma mente esculpido, aguçados como uma lâmina. Aprendera a arte da vinicultura sentada ao colo do avô. Viajara com o pai para a Califórnia com apenas três anos, para revolver a terra do vale fértil na produção do vinho. Tornara-se bilingue e viajara de um lado para o outro, entre a Califórnia e a Itália, tal como as outras raparigas acorriam ao recreio.

Aprendera a amar as montanhas, a imensidão da floresta, o ritmo das vozes americanas.

Não era a sua casa, nunca seria a sua casa como o *castello* fora. Mas encontrara ali o seu lugar, e estava satisfeita com ele.

Casara com um homem que recebera a aprovação da família, e também o aprendera a amar. Com ele tivera uma filha e, para seu eterno desgosto, dera à luz dois meninos mortos.

Enterrara o marido com apenas trinta anos. Nunca assumira o nome dele nem o dera à filha única. Era uma Giambelli e essa herança, essa responsabilidade, era mais vital e mais sagrada do que o casamento.

Tinha um irmão que adorava, que era padre e cuidava do seu rebanho em Veneza. Tinha outro que morrera soldado antes de chegar a ter vida própria. Acarinhava a sua memória, apesar de ser vaga.

E tinha uma irmã que, na melhor das hipóteses, tinha como parva, que trouxera ao mundo uma filha ainda mais parva do que ela.

Ficara responsável por dar continuidade à linhagem da família, à arte familiar. Foi o que fez.

O seu casamento com Eli MacMillan fora cuidadosa e escrupulosamente planeado. Encarou-o como uma fusão, uma vez que as vinhas dele eram de primeira linha e ficavam mesmo abaixo das dela no vale. Era um bom homem e, mais importante ainda segundo os seus cálculos, era um bom vinicultor.

Ele gostara dela, mas também outros homens tinham gostado. Gostava da companhia dele, mas também gostara da companhia de outros. No fim de contas, pensava nele como um *Merlot*, o seu mosto mais suave e doce diluía-se no seu *Cabernet Sauvignon* mais forte e, sem dúvida, mais áspero.

A combinação certa podia produzir resultados excelentes.

A sua aceitação da proposta de casamento fora contingente com um acordo empresarial complexo e pormenorizado. Esse acordo beneficiara ambas as empresas e deixara-a satisfeita.

Mas Tereza, que raramente se surpreendia, acabara por ficar, e encontrar conforto, prazer e pura satisfação num casamento que se aproximava do vigésimo aniversário.

Ele ainda era um homem bem-parecido. Tereza não relegava esses pormenores, uma vez que evidenciavam os genes. O que constituía um homem era tão importante, na opinião dela, quanto o que esse homem fazia de si mesmo.

Apesar de ele ser dez anos mais velho, ela não vislumbrava sinais de a idade o fazer vergar. Ainda se levantava de madrugada todos os dias, e ia passear com ela, independentemente do tempo que fizesse, todas as manhãs.

Ela confiava nele, como em nenhum homem desde o avô, e gostava mais dele do que de qualquer homem que não partilhasse o mesmo sangue.

Ele conhecia todos os seus planos, e quase todos os seus segredos.

— Sophia chegou tarde, ontem à noite.

— Ah. — Eli pousou-lhe a mão no ombro ao passearem pelos carreiros. Era um gesto simples, e habitual para ele. Tereza demorara algum tempo a acostumar-se a este toque casual de um homem, de um marido. Mais tempo ainda a depender dele. — Achavas que ela não vinha?

— Sabia que sim. — Tereza estava demasiado habituada a que lhe obedecessem para duvidar. — Se tivesse vindo directamente de Nova Iorque, tinha chegado mais cedo.

— Pois, então teve um encontro. Ou foi fazer compras.

Tereza franziu os olhos. Eram quase pretos e ainda viam bem ao longe. Ostentava uma voz assertiva e uma melodia exótica da sua terra natal. — Ou foi visitar o pai.

— Ou foi visitar o pai, — concordou Eli, no seu jeito lento e confortável. — A lealdade é uma virtude que sempre admireste, Tereza.

— Quando é merecida. — Havia alturas, por mais que gostasse dele, em que a tolerância infundável de Eli a deixava furiosa. — Anthony Avano só merece a nossa repulsa.

— Um desgraçado, mau marido e pai medíocre. — O que o tornava, pensava Eli, muito parecido com o seu próprio filho. — No entanto, continua a trabalhar para ti.

— Dei-lhe demasiada liberdade dentro da Giambelli naqueles anos iniciais. — Confiara nele, pensava, vira nele algum potencial. Deixara-se enganar. Isso nunca ia perdoar. — Mesmo assim, tem jeito para as vendas. Utilizo as ferramentas que cumprem a sua função. Despedi-lo naquela altura teria sido uma satisfação pessoal, mas um risco profissional. É sempre mais sensato o que é melhor para a Giambelli. Mas não gosto de ver a minha neta andar atrás dele. *Uh.*

Atirava para o lado a imagem do genro com um aceno impaciente. — Veremos como ele vai reagir ao que vou dizer hoje. Sophia deve ter-lhe contado que a chamei aqui. Por isso, ele também vem.

Eli parou, virando-se. — E era exactamente isso que querias. Sabias que ela lhe ia contar.

Os seus olhos negros brilhavam, o sorriso frio. — E se soubesse?

— És uma mulher difícil, Tereza.

— Sou. Obrigada.

Ele riu-se e, abanando a cabeça, recomeçou a caminhar com ela. — O teu anúncio de hoje vai trazer problemas. Ressentimentos.

— Espero bem que sim. — Parou para examinar algumas videiras mais verdes, apoiadas por fios entrançados. Ia ser necessária uma poda com canas, pensava. Só as mais fortes podiam crescer e ser cuidadas.

— A complacência apodrece, Eli. Tem de se respeitar a tradição, e explorar a mudança.

Perscrutava as terras. A bruma espessa e o ar húmido. O dia ia passar sem que o Sol a dissipasse, com toda a certeza.

Os Invernos, matutava, estavam mais compridos a cada ano que passava.

— Plantei algumas destas vinhas com as minhas próprias mãos, — prosseguiu. — Vinhas que o meu pai trouxe de Itália. À medida que envelheciam, delas fizeram-se outras novas. As novas devem ter quase sempre espaço para se enraizarem, Eli, e as maduras o direito a algum respeito. O que construí aqui, o que construímos no tempo que passámos juntos, é nosso. Farei o que achar melhor, com e por tudo isto.

— Foi o que sempre fizeste. Neste caso, como na maioria, concordo contigo. Não quer dizer que vamos ter uma época fácil.

— Mas vai ser *vintage*, — declarou ela. — Este ano... — Esticou o braço para virar uma vide despida nos dedos. — Um *vintage* raro e bom. Tenho a certeza.

Virou-se, observando a neta a correr pela encosta na direcção deles. — Ela é tão linda, Eli.

— Sim. E forte.

— Vai ter de ser, — disse Tereza e avançou para agarrar com as suas mãos as de Sophia. — *Buon giorno, cara. Come va?*

— *Bene. Bene.* — Beijaram-se na face, as mãos dadas com força. — *Nonna.* — Sophia chegava-se atrás, estudando o rosto da avó. Era um rosto bonito, não doce e bonito como o da menina de antigamente no rótulo, mas forte, quase feroz. Esculpido, Sophia sempre achara, tanto pela ambição quanto pelo tempo. — Está fantástica. E o avô também.

Virou-se para lançar os braços sobre Eli. Ali, tudo era tão

simples. Ele era Eli, apenas Eli, o único avô que conhecera. Protector, amoroso e descomplicado.

Ele levantou-a um pouco com o abraço, deixando-a em bicos de pés. Ela desatou a rir, segurando-se. — Vi-vos da janela. — Voltou a pôr os pés no chão e recuou, para se baixar e afagar a paciente Sally. — Vocês os três parecem uma pintura. Podia chamar-lhe *A Vinha*, — prosseguiu ela, endireitando-se para abotoar o casaco de Eli no pescoço, por causa do frio. — Que manhã esta.

Fechou os olhos, deitando a cabeça para trás e respirando fundo. Conseguia sentir o aroma da humidade, do sabonete da avó e do tabaco que Eli devia ter escondido num dos bolsos.

— A viagem correu bem? — Perguntou Tereza.

— Trouxe relatórios. E tenho relatórios dos relatórios, — acrescentou, rindo novamente ao passar os braços pelos deles, para que caminhassem juntos. — Vai ficar satisfeita, *nonna*. E tive algumas ideias brilhantes, modéstia à parte, para a campanha de promoção.

Eli desviou o olhar e, ao ver que Tereza não ia comentar, deu uma palmadinha na mão de Sophia. Os problemas, pensava ele, iam começar dentro em breve.

— Já começou a poda, — comentou Sophia, ao ver os cortes frescos nas videiras. — Na MacMillan também?

— Sim. Está na altura.

— Parece que ainda falta muito para a vindima. *Nonna*, quer contar-me porque é que nos chamou a todos aqui? Sabe que adoro vê-la, e a Eli, e à mamã. Mas preparar as vinhas não é o único trabalho a fazer para a Giambelli.

— Conversamos mais tarde. Agora vamos tomar o pequeno-almoço, antes que os monstros do Donato acordem, e nos levem a todos à loucura.

— *Nonna*.

— Mais tarde, — repetiu Tereza. — Ainda não chegaram todos.

A Villa Giambelli ficava num pequeno monte bem no meio do vale e junto a uma floresta, que crescera demasiado selvagem. As suas pedras tinham um brilho dourado, vermelho e ocre quando banhadas pela luz, e as janelas eram muitas. A adega fora construída à imagem da italiana, e apesar de ter sido expandida, e implacavelmente modernizada, ainda estava em funcionamento.

Haviam acrescentado uma sala de prova ampla e de um bom gosto apelativo, onde os clientes podiam, por marcação, provar os produtos acompanhados de pão e queijo. Os clubes de enólogos eram bem-vindos para um convívio quatro vezes por ano, e as visitas guiadas eram organizadas através dos escritórios de ali mesmo ou de São Francisco.

Podiam provar o vinho, comprado na própria adega nessas ocasiões, em qualquer parte do mundo.

As caves, com o ar frio e húmido, aninhadas nas colinas, eram utilizadas como armazéns e para o envelhecimento do vinho. Os campos que haviam construído a Villa Giambelli e as imediações chegavam a mais de quarenta hectares, e durante a vindima o próprio ar cheirava a mosto.

O pátio central da *villa* estava apinhado de *Chianti* tinto, onde dominava uma fonte com um Baco sorridente que segurava o seu cálice para a eternidade. Quando passasse o frio do Inverno, dezenas e dezenas de vasos seriam dispostos de forma a o espaço ganhar vida, repleto de flores e perfumado.

Tinha doze quartos e quinze casas de banho, um solário, um salão de baile e uma sala de jantar formal que acomodava sessenta pessoas. Havia salas dedicadas à música e salas

que celebravam os livros. Salas para trabalhar e para contemplação. Nas suas paredes havia uma colecção de arte e antiguidades italianas e americanas que não deixava ninguém indiferente.

Tinha uma piscina interior e outra exterior, e uma garagem para vinte carros. Os jardins eram uma fantasia.

Varandas e terraços avivavam a pedra, e uma quantidade de degraus concediam as entradas e saídas privadas a família e convidados.

Apesar das dimensões, o seu âmbito e os tesouros incalculáveis, era uma casa na verdadeira acepção da palavra.

A primeira vez que Tyler a viu, achou que era um castelo, repleta de quartos enormes e passagens elaboradas. De momento, pensava nela como uma prisão, onde fora sentenciado a passar demasiado tempo com demasiada gente.

Queria ir lá para fora sentir o ar puro e cuidar das vinhas, beber café forte de um termo. Em vez disso, estava prisioneiro na salinha de estar da família a beber um excelente *Chardonnay*. Na lareira, o lume crepitava alegremente e uns elegantes *hors d'oeuvres* estavam dispostos à volta da sala em travessas de barro italiano colorido.

Não conseguia perceber porque é que as pessoas perdiam tempo e esforço em pedacinhos de aperitivos, quando era muito mais rápido e fácil fazer algumas sanduíches, e pronto.

Porque é que a comida era sempre um acontecimento tão grande? E imaginava que se murmurasse tamanha heresia numa casa de italianos, acabaria linchado na hora.

Fora obrigado a mudar a roupa de trabalho e vestira umas calças e uma camisola — a sua concepção de roupa formal. Pelo menos não se enfiara num fato como o do... como é que o tipo se chamava? Don. Don de Veneza, com uma mulher que usava maquilhagem a mais, jóias a mais e que parecia

trazer sempre um bebé a guinchar incorporado numa parte qualquer do corpo.

Ela falava de mais e ninguém, em especial o marido, parecia prestar atenção alguma.

Francesca Giambelli Russo falava pouco ou nada. Era um contraste com *La Signora*, pensava Ty. Ninguém diria que eram irmãs. Era magra e vaga, uma mulherzinha insubstancial que ficava colada à cadeira e parecia que lhe saltava a própria pele, se alguém se dirigia a ela directamente.

Ty teve o cuidado de não o fazer.

O rapazinho, se é que podia chamar àquele demónio do inferno rapazinho, estava esparramado no tapete, a esmagar dois camiões um no outro. A *border collie* de Eli, Sally, escondia-se por baixo das pernas de Sophia.

E que belas pernas, reparou Ty, absorto.

Tinha o ar mais refinado e distinto de sempre, como algo saído de uma tela de cinema, surgindo a três dimensões. Parecia fascinada com a conversa de Don, mantendo aqueles olhos enormes, cor de chocolate negro no rosto dele. Mas Ty observava-a discretamente, a dar *hors d'oeuvres* a Sally às escondidas. O movimento era demasiado subtil e calculado para que conseguisse manter toda a atenção na conversa.

— Prove. As azeitonas recheadas estão excelentes. — Pilar surgiu a seu lado com uma pequena travessa.

— Obrigado. — Tyler moveu-se. De todos os Giambelli, Tyler sentia-se mais à vontade com Pilar. Ela nunca esperava que ele entrasse em conversas intermináveis e vazias, só para ouvir a própria voz. — Faz ideia de quando é que isto vai começar?

— Quando a mamã estiver pronta, e não antes. As minhas fontes dizem-me que o almoço vai ser servido para catorze

peçoas, mas não consigo adivinhar de quem é que estamos à espera. Seja quem for, e seja lá do que se trata, Eli parece satisfeito. É um bom sinal.

Ele começou a grunhir, lembrando-se das boas maneiras. — Esperemos que sim.

— Há semanas que não o vemos por aqui, tem andado ocupado, — disse ela, ao mesmo tempo que ele murmurava algumas palavras, e riu-se. — Naturalmente. O que é que tem feito, para além de trabalhar?

— Que mais há para fazer?

Abanando a cabeça, voltou a insistir com as azeitonas. — É mais parecido com a minha mãe do que qualquer um de nós. Não andava a sair com alguém o Verão passado? Uma loura bonita? Pat, Patty?

— Patsy. Não andava bem. Só às vezes... — Esboçou um gesto vago. — Você sabe.

— Querido, devia sair mais. E não só para... você sabe.

Era um comentário tão maternal que ele teve de se rir. — Podia dizer o mesmo de si.

— Oh, sou apenas um velho barco encalhado.

— É o barco mais bonito da sala, — contrapôs e voltou a fazê-la rir.

— Quando quer, é sempre um querido. — O comentário, mesmo vindo de um homem que ela considerava um filho adoptivo, elevara-lhe o ânimo que, por aqueles dias, parecia estar sempre abatido.

— Mamã, estás a desviar as azeitonas, — interrompeu Sophia, roubando uma da travessa. Ao lado da mãe, bela e composta, era como uma bola de fogo, a faiscar de electricidade. daquelas que estão sempre a dar choques quentes e inesperados quando nos aproximamos de mais.

Ou assim parecia a Ty.

Só por essa razão, tentara sempre manter uma distância segura e confortável.

— Rápido, fala comigo. Ias deixar-me encurralada para sempre com Don, o Chato? — Murmurou Sophia.

— Pobre Sophie. Bom, vê as coisas desta forma. Talvez seja a primeira vez em semanas que ele conseguiu dizer cinco palavras numa frase sem a Gina o interromper.

— Acredita, bem que se empenhou. — Revirou os olhos negros e exóticos. — Então, Ty, como estás?

— Bem.

— Com muito trabalho na MacMillan?

— Sempre.

— Conheces alguma palavra com mais de uma sílaba?

— Algumas. Pensei que estavas em Nova Iorque.

— Estava, — disse ela, imitando o tom de voz dele, torcendo o lábio. — Agora estou aqui. — Olhou por cima do ombro ao ver os primos pequenos a guinchar e aos soluços. — Mamã, se alguma vez fui assim tão insuportável, como é que conseguiste não me afogar na fonte?

— Não eras insuportável, querida. Exigente, arrogante, temperamental, mas nunca foste insuportável. Desculpem. — Passou a bandeja a Sophia e foi fazer aquilo em que sempre foi um ás. As pazes.

— Talvez devesse ter lá ido eu, — comentou Sophia, com um suspiro, ao ver a mãe levantar a rapariguinha miserável. — Mas nunca na vida vi duas crianças que me cativassem menos.

— É no que dá, ser mimado e negligenciado.

— Ao mesmo tempo? — Considerou ela, estudando Don que ignorava o filho a chorar, e Gina que lhe dirigia arrulhos. — Bem visto, — concluiu. Mas como não eram problema dela, graças a Deus, voltou novamente as atenções para Tyler.

Ele era tão... homem, decidiu. Parecia esculpido dos

rochedos que guardavam o vale. E era muito mais agradável de contemplar do que a birra de quatro anos atrás dela.

Se conseguisse sacar-lhe uma conversa razoável, podia ocupar-se de forma agradável até servirem o almoço.

— Alguma pista sobre o tema da nossa pequena reunião de hoje? — Indagou Sophia.

— Não.

— Se soubesses, dizias-me?

Ele encolheu o ombro e ficou a ver Pilar murmurar para a pequena Tereza, enquanto a levava para a janela ao lado. Tinha um ar natural, pensou ele. Como uma *Madonna*, parecia ser a descrição mais adequada. E por isso, a criança irritável e contrariada ficou com um ar atraente e apelativo.

— Porque é que achas que as pessoas têm filhos, se não lhes vão prestar atenção nenhuma?

Sophia ia começar a falar, mas interrompeu-se ao ver o pai e Rene entrarem na sala. — É uma boa pergunta, — murmurou e, tirando-lhe o copo da mão, acabou de beber o vinho. — Boa à brava.

À janela, Pilar ficou tensa, e todo o prazer simples que conquistara ao distrair a menina infeliz desvaneceu-se.

Sentiu-se desmazelada, feia, velha, gorda, amarga. Ali estava o homem que a havia descartado. E ali estava a mais recente aquisição, de um rol de substitutas. Mais jovem, bonita, inteligente e sensual.

Mas como sabia que a mãe não o faria, Pilar pousou a criança no chão e avançou para os cumprimentar. Tinha o sorriso quente e fácil, emoldurado num rosto mais atraente do que pensava. As calças e a camisola simples eram mais elegantes, mais femininas do que o fato justo de Rene.

E a sua movimentação ostentava uma classe inata que re-luzia com mais autenticidade do que diamantes.

— Tony, ainda bem que vieste. Olá, Rene.

— Pilar. — Rene sorria devagar e deslizava a mão pelo braço de Tony. O diamante no seu dedo apanhou um feixe de luz. Fez uma pausa, para ter a certeza de que Pilar o vira, registando o significado. — Parece... tranquila.

— Obrigada. — A parte de trás dos joelhos dissolvera-se. Conseguia sentir-se a perder o apoio de forma tão avassaladora, como se Rene tivesse espetado ali o bico do sapato vermelho com toda a força. — Por favor, entrem, sentem-se. Querem beber alguma coisa?

— Não compliques, Pilar. — Tony acenou, dispensando-a, ao mesmo tempo que se debruçava para lhe dar um beliscão inconsequente na bochecha. — Viemos só cumprimentar a Tereza.

— Vai ter com a tua mãe, — disse Ty, entre dentes.

— O quê?

— Vai, inventa uma desculpa e tira a tua mãe dali.

Foi nessa altura que ela reparou no diamante a brilhar no anel de Rene, o choque puro nos olhos da mãe. Enfiou a travessa nas mãos de Ty e atravessou a sala. — Mamã, podes ajudar-me aqui, só um instante?

— Sim... deixa-me só...

— Não demora nada, — continuou Sophia, rápida a puxar Pilar para fora da sala. Continuou a andar até acabarem de percorrer todo o corredor, entrando na biblioteca de dois pisos. Ali, puxou as portas de correr atrás de si e encostou-se a elas.

— Mamã, lamento imenso.

— Oh. — Tentando sorrir, Pilar passou a mão instável pelo rosto dela. — Lá se vai a certeza de que me aguentei em grande estilo.

— Portaste-te lindamente. — Sophia correu para ela, ao

ver que se deixava cair no braço de uma poltrona. — Mas conheço essa cara. — Com as mãos em concha, envolveu o rosto da mãe. — E parece que Tyler também. O anel é ostensivo e óbvio, tal como ela.

— Oh, querida. — A gargalhada era tensa, mas esforçou-se. — É maravilhoso, lindo... tal como ela. Não faz mal. — Mas já girava no dedo a aliança dourada que insistia em usar. — A sério, não faz mal.

— Uma ova, é que não. Odeio-a. Odeio-os aos dois, e vou voltar ali dentro e dizer-lhes isso mesmo.

— Não vais nada. — Pilar levantou-se, agarrando Sophia pelos braços. Será que a dor que conseguia ver nos olhos da filha se revelava de forma tão óbvia nos seus? E a culpa seria sua? Teria aquele limbo interminável em que vivia arrastado a sua filha para o vazio? — Não vais resolver nem mudar nada. Não adianta cultivar mais ódio, Sophie. Só te vai magoar.

Não, pensava Sophia. Não. Também podia moldar.

— Zanga-te! — Exigiu ela. — Fica furiosa, amarga e enraivecida. — Fica *qualquer coisa*, pensava ela. Tudo menos magoada e derrotada. *Isso eu não consigo suportar.*

— Faz tu isso, querida. — Deslizava as mãos devagar para cima e para baixo nos braços de Sophia. — Fá-lo bem melhor do que eu.

— Chegar aqui daquela maneira. Chegar aqui e esfregar-nos isto na cara. Ele não tinha o direito de te fazer isto, mãe, nem a mim.

— Ele tem o direito de fazer o que quiser. Mas foi mal feito. — Desculpas, admitia. Passara quase trinta anos a arranjar desculpas para Anthony Avano. Um hábito difícil de quebrar.

— Não fiques magoada. Ele ainda é teu pai. O que quer que aconteça, será sempre.

— Nunca foi um pai para mim.

Pilar empalideceu. — Oh, Sophia.

— Não. Não. — Furiosa consigo mesmo, Sophia estendeu a mão. — Sou insuportável. E isto não tem nada a ver comigo, mas não consigo evitar envolver-me. E nem sequer é sobre ele, — disse ela, acalmando. — Ele é inconsequente. Mas ela não. Sabia bem o que estava a fazer. Como queria fazer. E odeio que entre na nossa casa a exhibir isso à tua frente... não, raios partam, à nossa frente. De todos nós.

— Estás a ignorar um factor, querida. Rene pode amá-lo.

— Oh, por favor.

— Tão cínica. Eu amava-o, porque é que ela não o há-de amar?

Sophia girou, afastando-se. Queria pontapear alguma coisa, partir alguma coisa. E pegar nos cacos e atirá-los à carinha californiana, linda e perfeita de Rene. — Ela adora o dinheiro dele, o cargo que ocupa e a porcaria da conta bancária.

— Provavelmente. Mas é o tipo de homem amado pelas mulheres... sem esforço.

Sophia sentiu a ansiedade na voz da mãe. Nunca amara um homem, mas reconhecia a voz de uma mulher que amou. Que amava. Isso, esse desespero, deixava-a passiva. — Nunca deixaste de o amar.

— Se não deixei, é melhor que o faça. Prometes-me uma coisa? Não provoques nenhuma cena.

— Detesto dar essa satisfação, mas acredito que um desinteresse gelado vai ter mais impacto. De uma forma ou de outra, quero arrancar-lhe aquele sorriso presunçoso da cara.

Recuou, beijando a mãe em ambas as faces e abraçando-a. Ali podia, e devia, amar sem obscurantismo ou mácula. — Vais ficar bem, mamã?

— Sim. A minha vida não muda, pois não? — Oh, e só

de pensar nisso, era terrível. — Nada muda realmente. Vamos regressar.

— Deixa-me dizer-te o que podemos fazer, — começou Sophia, depois de passarem de novo pelo corredor. — Vou dar uma volta à agenda e libertar uns dias. Depois, eu e tu vamos ao *spa*. Vamos mergulhar até ao pescoço em lama, fazer massagens faciais, esfoliação, massagem e hidratação do corpo. Vamos gastar rios de dinheiro em produtos de beleza caríssimos que nunca usaremos e deliciarmo-nos de roupão o dia todo.

A porta da casa de banho abriu-se ao passarem e saiu de lá uma morena de meia-idade. — Isso parece-me extremamente apelativo. Quando é que vamos?

— Helen. — Pilar levou a mão ao coração ao mesmo tempo que se inclinava para beijar a face da amiga. — Pregaste-me um susto dos diabos.

— Desculpa. Tive de ir a correr à retrete. — Puxava a saia do fato cinzento cor de pedra pelas ancas, que passava a vida a tentar diminuir, para ter a certeza de que estava no sítio. — Foi daquele café todo que bebi na viagem. Sophia, como consegues estar tão linda? Então... — Pegou na pasta, endireitando os ombros. — Os suspeitos do costume na salinha?

— Mais ou menos. Não me apercebi que se referia a si, quando a mamã disse que os advogados estavam a caminho. — E, matutava Sophia, se a avó tinha chamado a juíza Helen Moore, era porque a coisa era séria.

— Porque Pilar também não sabia, nem eu, até há uns dias. A tua avó insistiu que fosse eu a tratar pessoalmente desta questão. — Os olhos cinzentos franzidos de Helen desviaram-se na direcção da sala.

Envolvera-se, de uma forma ou de outra, com os Giambelli e com o seu negócio há quase quarenta anos. Nunca deixavam de a fascinar. — Manteve-vos a todos às escuras?

— Aparentemente, — murmurou Pilar. — Helen, ela está bem, não está? Acho que esta última ideia de mudar o testamento, e por aí fora, faz parte de uma fase por que tem passado no último ano, desde a morte do *Signore* Baptista.

— Tanto quanto sei, em matéria de saúde, *La Signora* está mais vigorosa do que nunca. — Helen ajustava os óculos de armação preta, lançando um sorriso ostensivo à sua amiga de longa data. — Como advogada dela, não te posso contar mais nada acerca das suas motivações, Pilar. Mesmo se as compreender totalmente. O espectáculo é dela. Porque é que não vamos ver se ela está pronta para subir o pano?

3.

La Signora nunca apressava a entrada em cena. Planeava pessoalmente a ementa, na esperança de deixar uma marca generosa e casual. Os vinhos servidos eram das vinhas da Califórnia, Giambelli e MacMillan. Também isso fora planeado com minúcia.

Não ia discutir negócios à refeição. Nem sequer, para grande irritação de Gina, ia permitir a presença de três crianças malcriadas à mesa.

Tinham-nas enviado para a zona de recreio com uma empregada a quem daria uma gratificação, e o seu imenso respeito, se conseguisse aguentar uma hora com elas.

Quando se dignou a falar com Rene, foi com uma formalidade gélida. Devido a esse facto, sentiu uma admiração avassaladora pela firmeza da mulher. Houvera outras, muitas mais, que tinham estremecido notoriamente perante a sua frieza.

Juntamente com a família, e Helen, que considerava da

família, convidara o seu vinicultor de maior confiança, com a esposa. Paulo Borelli estava na Giambelli, Califórnia, há trinta e oito anos. Apesar da idade, ainda lhe chamavam Paulie. A esposa, Consuelo, era uma mulher inchada e alegre com uma imensa gargalhada, que fora criada de cozinha na *villa*.

A última convidada era Margaret Bowers, directora de vendas da MacMillan. Era uma mulher divorciada com trinta e seis anos, no momento aborrecida de morte com a tagarelice de Gina, desejando ardentemente um cigarro.

Tyler trocou olhares com ela e fez-lhe um sorriso solidário.

Por vezes, Margaret também o desejava ardentemente.

Quando tiraram a comida da mesa e serviram o vinho do Porto, Tereza recostou-se.

— Castello di Giambelli este ano celebra o seu centenário, — começou ela. De imediato terminaram as conversas paralelas. — A Villa Giambelli produz vinho no Vale de Napa há sessenta e quatro anos. A MacMillan também o faz há noventa e dois. Tudo junto, dá duzentos e cinquenta e seis anos.

Perscrutava a mesa. — Cinco gerações de vinicultores e produtores de vinhos.

— Seis, *zia* Tereza. — Agitou-se Gina. — Os meus filhos dão-lhe a sexta.

— Pelo que tenho observado dos seus filhos, é mais provável que venham a ser assassinos em série do que vinicultores. Por favor, não interrompa.

Levantou o vinho do Porto, cheirando-o e bebendo lentamente. — Nessas cinco gerações, ganhámos reputação, em dois continentes, de produzir vinho de qualidade. O nome Giambelli é vinho. Estabelecemos tradições e aliámo-las a novos métodos, nova tecnologia, sem sacrificar o nome ou o seu significado. Nunca o sacrificaremos. Há vinte anos, realizámos uma parceria de interesses comerciais com outra boa

produtora de vinhos. A MacMillan do Vale de Napa tem sido gerida lado a lado com a Giambelli, Califórnia. A parceria envelheceu bem. Está na altura de ser decantada.

Sentiu a tensão ao olhar para Tyler. Subiu na sua consideração, por se manter de boca fechada, e naquele instante encontrava o seu olhar. — São necessárias algumas mudanças, e para o bem de ambas. Os próximos cem anos começam hoje. Donato.

As atenções passaram para ele. — *Sí*, sim, — corrigiu, lembrando-se que ela preferia inglês à sua mesa californiana. — Sim, tia Tereza.

— As Giambelli, Itália e Califórnia, têm sido geridas em exclusividade entre si. Separadas. Isto vai deixar de se verificar. Todas vão depender do escritório sede da empresa recém-formada Giambelli MacMillan, com base de operações na Califórnia e Veneza.

— O que é que isto significa? O que é que significa? — Gina explodia em italiano, afastando-se da mesa num safanão. — O responsável é Donato. É o próximo na linha sucessória. Tem o nome da família. É o seu herdeiro.

— O meu herdeiro é quem eu disser.

— Demos-lhe as crianças. — Gina bateu com a mão na barriga e, contrariada, agitou o braço sobre a mesa. — Três crianças, e mais estão para vir. Mais ninguém na família lhe dá crianças, a não ser eu e o Donato. Quem é que vai dar continuidade ao nome quando morrer, se não forem os meus filhos?

— Está a vender a barriga? — Disse Tereza, neutra.

— É fértil. — Ela recuou, ao mesmo tempo que o marido tentava que ela se sentasse novamente. — Mais do que a sua, mais do que a da sua filha. Cada uma teve um bebé, e pronto. Eu posso ter uma dúzia.

— Que Deus nos acuda. Fica com a sua bela casa, Gina, e alguns trocos. Mas não será a dona do *castello*. Do meu *castello*, — acrescentou, friamente. — Aceite o que lhe for dado, ou arrisca-se a perder muito mais.

— Gina, *basta!* Já chega, — ordenou Don, ao que ela lhe deu uma palmada na mão.

— Está a ficar velha, — disse Gina, entre dentes. — Um dia vai morrer e eu não. Nessa altura, veremos. — Saiu da sala num ápice.

— *Zia Tereza, scusi*, — balbuciou Donato, interrompido por um gesto brusco.

— A tua mulher não te tem respeito nenhum, Donato, e o teu trabalho tem ficado muito aquém das minhas expectativas. Tens mais este ano para corrigir essas questões. Manténs o cargo actual na Giambelli até à próxima poda. Nessa altura, faremos uma reavaliação. Se ficar satisfeita, serás promovido com um salário e benefícios equivalentes. Se não ficar, ficas na empresa a fazer trabalho administrativo. Não quero afastar ninguém que seja do meu sangue, mas não terás a vida tão facilitada como até agora. Compreendido?

Subitamente, ele sentiu a gravata mais apertada, e o que acabara de comer ameaçava revolver-se no estômago. — Há dezoito anos que trabalho na Giambelli.

— Trabalhaste doze. Nos últimos seis, limitaste-te a manter as aparências, e até isso tem sido inconsistente. Pensas que não sei o que andas a fazer, ou em que é que passas o tempo? Pensas que não sei de que negócios vais tratar quando vijas para Paris, Roma, Nova Iorque e Califórnia às custas da Giambelli?

Esperou que o golpe assentasse e viu a fina camada de suor brilhar-lhe no rosto. Mais uma vez, ele conseguia desiludi-la. — A tua mulher é uma parva, Donato, mas eu não. Acautela-te.

— É bom rapaz, — disse Francesca, baixinho.

— Já foi, um dia. Talvez ainda venha a ser um bom homem. Margaret, perdoe as quezílias familiares. Somos temperamentais.

— Claro, *La Signora*.

— Se aceitar, vai supervisionar e coordenar os directores de vendas da Giambelli-MacMillan, Califórnia e Veneza. Da sua parte, vai exigir disponibilidade para muitas viagens e responsabilidade, com o devido aumento salarial. Vai ser precisa em Veneza daqui a cinco dias para estabelecer lá a sua base e familiarizar-se com a operação. Tem até amanhã para decidir se quer levar em conta esta proposta, e se assim for, podemos discutir os pormenores.

— Não preciso de tempo para decidir, obrigada. — Margaret mantinha a voz enérgica e neutra, o seu coração a bater como uma onda selvagem. — Ficarei muito contente em discutir os pormenores logo que queira. Agradeço-lhe a oportunidade. — Desviou o olhar para Eli, assentindo. — Agradeço a ambos a oportunidade.

— Muito bem. Amanhã, então. Paulie, já discutimos os nossos planos, e gostava de ter a sua opinião e discricção. Vai ajudar a coordenar a produção nos campos, nas herdades. Sabe quem são os melhores homens daqui, e da MacMillan. Será o nosso capataz.

— Por Paulie, nutro um imenso respeito. — A voz de Ty era calma, mesmo quando a irritação e frustração lhe pegavam com força pelo pescoço. — Pelas suas capacidade e instinto. Tenho uma imensa admiração pelo trabalho que foi feito aqui na *villa*, e por todas as pessoas envolvidas. O mesmo conta para o que sei da Giambelli, Veneza. Mas temos uma produção de alto nível, tal como as pessoas, na MacMillan. Não queria que essa produção ou essas pessoas

fossem ensombradas pelas suas, *La Signora*. Está orgulhosa do que você e os seus conquistaram, do legado que herdou e fez questão de passar adiante. Eu também estou do meu.

— Ótimo. Agora ouça. E pense. — Gesticulou para Eli.

— Ty, eu e a Tereza não chegámos a esta decisão da noite para o dia, nem a tomamos de ânimo leve. Há muito tempo que discutimos esse assunto.

— Não têm a obrigação de me trazer para esta discussão, — declarou Ty.

— Não, — interrompeu Eli antes que piorasse o calor que via aflorar nos olhos do neto. — Não temos. Descobrimos, com Helen, como as legalidades e as formalidades podem e devem ser. Elaborámos uma estratégia para implementar esta verdadeira fusão para benefício de todos os envolvidos, não só por esta época, mas por todas as que vierem daqui a cem anos.

Inclinou-se para a frente. — Achas que desejo menos do que tu para a MacMillan? Que desejo menos para ti do que tu próprio desejas?

— Não sei o que querem. Achava que sim.

— Então, é melhor deixar tudo bem claro, aqui e agora. Ao fazer isto, vamos tornar-nos não só num dos maiores produtores de vinhos do mundo, mas também dos melhores do mundo. Vais continuar a supervisionar a MacMillan.

— Supervisionar?

— Com Paulie como capataz, e tu como operador, como produtor de vinho. Com algumas alterações.

— Já conheces os campos, Ty, — declarou Tereza. Ela compreendia o seu ressentimento. Dava-lhe uma certa satisfação. Aquela raiva temperamental e chocante queria dizer que ele se preocupava. E a preocupação não era pouca. — Conheces os vinhos e os cascos. Mas o que fazes, o que aprendes pára na

garrafa. Está na altura de ires um pouco mais além. Há mais no vinho do que a uva. Eu e o Eli queremos que os nossos netos sejam multifacetados.

— Netos? — Interrompeu Sophia.

— Quando foi a última vez que trabalhaste nos campos? — Indagou Tereza. — Quando foi a última vez que provaste vinho que não vinha numa linda garrafa tirada de um armário ou de um balde de gelo? Esqueceste as tuas raízes, Sophia.

— Não me esqueci de nada, — ripostou Sophia. — Não sou vinicultora. Sou publicista.

— Vais ser vinicultora. E tu, — disse ela, apontando para Ty, — vais aprender a vender, comercializar e expedir. Vão ensinar-se um ao outro.

— Oh, a sério, *nonna*...

— Sossegada. Tens de ouvir. Pilar, a Sophia não vai ter tanto tempo para dedicar às suas obrigações de sempre. Trata de preencher essa lacuna.

— Mamã. — Pilar teve de se rir. — Não percebo nada de comercialização e promoção.

— Tens boa massa cinzenta. Está na altura de voltares a dar-lhe uso. Para termos êxito, precisamos da família toda. — Tereza desviou o olhar para Tony. — E de outros. Vais ficar nas vendas e, por agora, vais manter o cargo e os privilégios adquiridos. Mas vais prestar contas, tal como Donato e todos os directores e gestores de departamento, à directora-geral. A partir de agora, mantemos apenas uma relação profissional. Não apareças outra vez na minha casa ou na minha mesa sem seres convidado.

Era um contratempo. O seu cargo era uma coisa. O salário e os benefícios a longo prazo, outra. Ela tinha o poder de o deixar sem nada. Utilizou o único escudo que tinha. — Sou pai de Sophia.

— Sei bem o que és.

— Peço desculpa, *signora*. — Rene falava com uma polidez meticulosa, enfatizada pelo tom de aço. — Posso falar?

— Convidada ou não, está alojada debaixo do meu tecto. O que é que pretende dizer?

— Sei que a minha presença não é particularmente bem-vinda. — O tom de voz nunca variava, os olhos sempre fixos nos de Tereza. — E que o meu relacionamento com Tony não conta com a sua aprovação. Mas ele é, e tem sido, uma mais-valia para a sua empresa. Tal como eu tenciono ser para ele, o que só a pode beneficiar.

— Isso, ainda veremos. Com a sua licença. — Perscrutou a mesa. — Eu, Helen e Eli temos de falar com a Sophia e o Tyler. O café vai ser servido na salinha. Façam o favor.

— A uma palavra sua, — começou Sophia, tremendo de fúria enquanto os restantes saíam da sala, — todos obedecem. Será que já se habituou a isso de tal forma, *nonna*, que acha que pode mudar vidas dessa forma?

— Todos têm escolha.

— Onde está essa escolha? — Não conseguindo ficar sentada, levantou-se da cadeira. — Donato? Ele nunca fez nada fora da empresa. A vida dele está absorvida por isto. Tyler? Dedicou todo o seu tempo e energia à MacMillan, desde que era criança.

— Posso falar por mim.

— Oh, cala-te. — Contornou-o. — Se disseres cinco palavras sucessivas, és capaz de dar um nó na língua. E eu tenho que te ensinar a comercializar o vinho.

Ele levantou-se e, para choque dela, agarrou-lhe nas mãos, puxando-a para a frente assim que lhe virou as palmas das mãos para cima. — Parecem pétalas de rosa. Cuidadas e macias. Eu tenho de te ensinar a trabalhar?

— Trabalho tanto como tu. Lá porque não passo os dias suada e de um lado para o outro com botas enlameadas, não quer dizer que não dê o meu melhor.

— Vocês dois já estão a começar bem. — Eli suspirou e serviu mais porto. — Se querem discutir, força. Vai fazer-vos bem. O problema é que nenhum de vocês nunca teve de fazer nada que vos assentasse os pés no chão. Talvez falhem, talvez caíam ambos redondos em cima do traseiro a tentar fazer outra coisa. Algo mais.

Sophia espetou o queixo para cima. — Eu não falho.

— Tens uma colheita para o provar. Querem saber o que vão ganhar com tudo isto? Helen?

— Bom, até aqui tem sido divertido. — Helen ergueu a pasta e pousou-a em cima da mesa. — Jantar e um espectáculo, a um preço muito baixo. — Tirou alguns documentos e voltou a pousar a pasta no chão. Ajustou os óculos. — Tendo em vista a brevidade e a compreensão, vou manter este assunto simples e em termos leigos. Eli e Tereza vão fundir as respectivas empresas, uniformizá-las, o que vai cortar nalguns custos e incorrer noutros. Acredito tratar-se de uma decisão empresarial muito acertada. Cada um de vocês terá tarefas e responsabilidades variadas, que serão expressas nos contratos que tenho aqui. O termo do contrato é de um ano. Se no final desse ano os vossos desempenhos forem inaceitáveis, serão recolocados num cargo inferior. Esses termos são negociáveis nessa altura e nessa eventualidade.

Ao falar, retirou os dois contratos de um molho espesso das pastas. — Ty vai permanecer na residência da MacMillan, a casa e o recheio vão continuar à sua disposição. Sophia, será necessário que se mude para aqui. O seu apartamento em São Francisco será mantido pela Giambelli ao longo deste ano, para o usar sempre que seja necessário fazer negócios na

cidade. Ty, quando precisar de tratar de negócios lá, ser-lhe-á facultado alojamento. Claro que as viagens para outros destinos por conta da empresa serão disponibilizadas e pagas pela empresa. O *castello* em Itália fica disponível para qualquer um de vocês, quer viagem em negócios, a prazer ou uma combinação de ambos.

Ela ergueu o olhar e sorriu. — Até agora, não está nada mal, certo? Agora, a cenoura. Sophia, se, até ao final deste contrato anual, o seu desempenho for aceitável, vai receber vinte por cento da empresa, metade da propriedade do *castello* e o título de co-presidente. Reciprocamente, Tyler, se o seu desempenho for aceitável, vai receber também vinte por cento, a totalidade da casa onde reside actualmente e o título de co-presidente. A ambos serão oferecidos quatro hectares de vinhas para desenvolverem a vossa própria marca, se assim o pretenderem, ou o valor de mercado equivalente, se o preferirem.

Fez uma pausa e acrescentou o remate final. — Pilar também recebe vinte por cento, se concordar com os termos do seu contrato. Desta forma, todos terão partes iguais. No caso da morte de Eli ou Tereza, as suas partes respectivas passam de cônjuge para cônjuge. Nesse dia infeliz, quando um deles deixar de estar entre nós, a sua parte de quarenta por cento será partilhada da seguinte forma: quinze por cento para cada um de vós e dez por cento para Pilar. O que, a seu tempo, dará a cada um trinta por cento de uma das maiores empresas de vinhos do mundo. A única coisa que têm de fazer para o merecer é aderir às estipulações do contrato durante este ano.

Sophia esperou até ter a certeza de conseguir falar e manteve as mãos pousadas no colo, enlaçadas com força. Estavam a oferecer-lhe mais do que alguma vez imaginara ou podia pedir. E ao mesmo tempo era como se a esbofeteassem como

uma criança. — Quem é que decide a aceitabilidade dos desempenhos?

— No bom interesse do sentido de justiça, — disse Tereza, — vão avaliar-se mutuamente num carácter mensal. Eu e Eli também daremos avaliações de rendimento, que serão acrescentadas às avaliações feitas pelo director-geral.

— Afinal, quem é o director-geral? — Indagou Tyler.

— Chama-se David Cutter. Recém-chegado da *La Coeur*, sediada em Nova Iorque. Vem cá ter amanhã. — Tereza levantou-se. — Vamos deixá-los ler os contratos, para os discutirem e pensarem. — Deixou um sorriso quente. — Helen? Café?

Rene recusava-se a ceder. Havia algo que aprendera na sua carreira como modelo, durante a sua breve experiência como actriz e na sua longa demanda pela ascensão social. A única direcção certa a tomar era para cima.

Até tolerava os insultos da velha, a ansiedade da mulher abandonada e os olhares assassinos da filha, desde que isso significasse vitória.

Desprezá-los não a impedia de os tolerar, enquanto fosse necessário.

Tinha no dedo o diamante, que escolhera pessoalmente, e contava com uma aliança de casamento para breve. Tony era o seu bilhete de entrada no mundo dos estupidamente ricos, e até gostava dele com uma certa sinceridade. Quase tanto como da ideia da fortuna Giambelli.

La assegurar-se de que ele faria tudo o que fosse necessário no próximo ano para solidificar a sua posição na Giambelli, e acalentava fazê-lo como sua esposa.

— Conta-lhe agora, — ordenava ela, pegando no café.

— Rene, querida. — Tony rodava os ombros. Já

conseguia sentir o peso dos grilhões. — Não é uma altura muito propícia.

— Tiveste sete anos para lidar com isto, Tony. Trata do assunto, agora. — Lançou um olhar pungente na direcção de Pilar. — Senão, trato eu.

— Está bem, está bem. — Deu-lhe uma palmadinha na mão. Ele preferia o mau ao péssimo. Com um sorriso prazenteiro no rosto, levantou-se e atravessou a sala até onde Pilar se encontrava sentada, a tentar acalmar Francesca, algo ansiosa e obviamente confusa.

— Pilar, posso falar contigo? Em particular?

Dezenas de desculpas passaram-lhe pela cabeça. Na ausência da sua mãe, ela era a anfitriã. A sala estava cheia de convidados. A tia precisava de atenção. Ia pedir mais café.

Mas eram apenas isso, desculpas, que não iam fazer mais do que adiar o que era preciso enfrentar.

— Claro. — Murmurou algumas palavras de conforto em italiano à tia, e depois virou-se para Tony.

— Queres ir para a biblioteca? — Pelo menos, pensava Pilar, ele não trouxera Rene. Mesmo ao passarem, Rene lançou-lhe um olhar duro e luminoso, como a pedra que tinha no dedo.

Um olhar de vitória, pensou Pilar. Como era ridícula. Não havia nenhuma competição a ganhar, e nada a perder.

— Lamento que a mamã tenha decidido fazer este anúncio e abrir esta discussão, com tanta gente reunida, — começou Pilar. — Se ela me tivesse dito antes, acho que a teria convencido a falar contigo em privado.

— Não importa. O que ela sente por mim é bastante óbvio. — Como raramente sentia na pele algum tipo de animosidade, há muitos anos que esquecera aqueles sentimentos. — Profissionalmente, bom, devia esperar melhor. Mas

haveremos de resolver tudo. — Resolver os problemas era algo a que se dedicava em segundo plano. Ignorá-los costumava ser o seu ponto forte.

Entrou na sala, sentou-se numa das fundas poltronas de pele. Outrora, chegara a pensar que ia viver naquela casa, ou pelo menos manter ali alguma regularidade. Felizmente, da forma como tudo veio a acontecer, preferia a cidade. A única coisa para se fazer em Napa era ver as uvas a crescer.

— Bom, Pilar. — O seu sorriso era fácil, charmoso como sempre. — Como estás?

— Como é que estou, Tony? — Uma gargalhada histérica queria soltar-se da garganta. Mas reprimiu-a. Era um dos seus pontos mais fortes. — Bem. E tu?

— Estou bem. Atarefado, é claro. Diz-me, o que é que estás a pensar fazer com a sugestão de *La Signora*, de teres uma parte mais activa na empresa?

— Não foi uma sugestão, e não sei o que vou fazer quanto a isso. — A mera ideia ainda zumbia na sua cabeça como um ninho de abelhas. — Ainda não tive tempo para pensar nisso.

— Tenho a certeza de que te vais sair bem. — Inclinou-se para a frente, com traços de sinceridade no rosto.

Isso, pensava ela, com um raro acesso de amargura, era parte da sua destreza e astúcia. Fingir que se importava. Aquele ímpeto de interesse.

— És uma mulher adorável, e decerto uma mais-valia para a empresa, a qualquer nível. Vai ser bom para ti saíres mais, estares ocupada. Até podes descobrir que tens talento. Uma carreira pode ser precisamente do que estás a precisar.

Ela quisera uma família. Marido, filhos. Nunca uma carreira. — Estamos aqui a falar das minhas necessidades, Tony, ou das tuas?

— Não são exclusivas umas das outras. A sério que não.

Pilar, acho que devíamos encarar esta nova direcção que a Tereza nos apresentou como uma oportunidade para ambos começarmos de novo.

Pegou na mão dela com a facilidade que sempre revelava com as mulheres, guardando-a de forma protectora e provocadora na dele. — Talvez precisemos deste empurrão. Percebo que a ideia do divórcio tem sido difícil para ti.

— Percebes?

— Claro. — Ela não ia facilitar as coisas, pensou ele. *Que seca.* — Na verdade, Pilar, temos levado vidas separadas há já alguns anos.

Devagar, e de forma deliberada, ela puxou a mão que ele agarrara. — Estás a falar das vidas que levamos desde que te mudaste para São Francisco, ou das vidas que levamos ao continuarmos a manter as aparências de um casamento?

Não ia facilitar em nada, pensou. E suspirou. — Pilar, o nosso casamento falhou. Não é muito construtivo desenterrar as razões, as culpas, os motivos depois de tanto tempo.

— Não me parece que tenhamos chegado a *enterrar*, Tony. Mas talvez já tenha passado a altura em que fazê-lo traria alguma diferença.

— A realidade é que pelo facto de não terminar com tudo legalmente, fui injusto contigo. É evidente que não conseguiste começar uma nova vida.

— O que nunca foi problema para ti, não é? — Ela levantou-se e avançou para fitar a lareira. Porque é que lutava contra aquilo? O que é que importava? — Pelo menos, sejamos honestos. Vieste hoje aqui pedir-me o divórcio, o que não tem nada a ver com as decisões da minha mãe. Decisões de que nada sabias quando puseste aquele anel no dedo da Rene.

— Mesmo assim, é uma idiotice fingirmos que isto não acabou há muito tempo. Adiei o divórcio por ti, Pilar. — Ao

dizê-lo, até acreditava. Acreditava de tal forma que o seu tom de voz adquiriu contornos sinceros. — Tal como to peço agora, para teu bem. Está na hora de seguires em frente.

— Não, — murmurou ela. Não se virara, ainda não, para o encarar de frente. De certa forma, quando olhava para ele, para aqueles olhos calmos e sinceros, acabava por acreditar na mentira. — Nem sequer conseguimos ser honestos. Se queres o divórcio, não te vou impedir. De qualquer forma, duvido que conseguisse fazê-lo. Ela não vai ser de trato tão fácil quanto eu, — acrescentou, virando-se novamente. — Talvez isso seja bom para ti. Talvez ela seja a mulher certa para ti. Eu, decerto que não fui.

A única coisa que ele ouviu foi que ia obter o que queria sem problemas. — Eu trato dos pormenores. Discretamente, é claro. Passado todo este tempo, a imprensa já não vai querer saber. Na verdade, vai ser só assinar uns papéis. E acho que só os nossos amigos mais íntimos é que sabem que ainda não estamos divorciados.

Ao ver que ela não dizia nada, ele levantou-se. — Assim que pusermos isto para trás das costas, vamos todos ser mais felizes. Vais ver. Entretanto, acho que devias falar com a Sophia. Vai ser melhor se souber por ti, de mulher para mulher. Não tenho dúvidas que, assim que ela perceber que estás de acordo, vai ser mais simpática com Rene.

— Será que subestimas toda a gente, Tony?

Ele estendeu as mãos. — Apenas sinto que vamos todos ficar mais confortáveis se mantivermos tudo amigável. Rene vai ser minha mulher, e como tal, vai fazer parte da minha vida profissional e social. Vamos encontrar-nos de vez em quando. Espero que a Sophia seja cordial.

— Eu esperava que me fosses fiel. Todos vivemos com as nossas desilusões. Tiveste o que pediste, Tony. Sugiro que

pegues na Rene e te vás embora, antes que a mamã termine de beber o porto. Acho que já tivemos situações bastante inconvenientes aqui em casa para um só dia.

— Concordo. — Começou a dirigir-se para a porta, mas hesitou. — Desejo-te o melhor, Pilar.

— Sim, acredito em ti. Por alguma razão, desejo-te o mesmo. Adeus, Tony.

Quando ele fechou as portas atrás de si, ela avançou devagar até uma poltrona e sentou-se lentamente, como se os ossos se pudessem estilhaçar com um movimento mais brusco.

Lembrou-se de como era ter dezoito anos e estar loucamente apaixonada, cheia de planos, sonhos e encanto.

Lembrou-se de como era ter vinte e três e ser trespassada no coração pelo punhal da traição e da verdadeira perda da inocência. E trinta, lutando por apanhar os cacos de um casamento em desintegração, para criar uma filha e manter um marido demasiado negligente para fingir que a amava.

Lembrou-se de como era ter quarenta anos e resignar-se à perda, vazia de sonhos, de planos, com a escuridão intensa e sombria.

Agora, pensava ela, sabia o que era ter quarenta e oito, estar sozinha, sem quaisquer ilusões. Substituída, legalmente, pelo modelo novo e melhorado, tal como havia sido substituída tantas vezes, de forma dissimulada.

Ergueu a mão, deslizando a aliança de casamento até ao nó do dedo. Há trinta anos que usava aquela aliança simples. Agora estavam a dizer-lhe que se visse livre dela, e das promessas que fizera perante Deus, a família, os amigos.

As lágrimas queimavam-lhe os olhos, ao fazer a aliança deslizar pelo dedo. Afinal de contas, pensava, não passava de um anel oco. O símbolo perfeito do seu casamento.

Nunca havia sido amada. Pilar deixou a cabeça cair para

trás. Como era baixo e triste, ficar ali sentada a aceitar, admitir aquilo que se recusara a aceitar e a admitir há tanto tempo. Homem algum, nem mesmo o seu marido, a chegara a amar.

Assim que as portas se abriram, fechou os dedos à volta da aliança e ordenou às lágrimas que esperassem.

— Pilar. — Helen lançou um olhar. Cerrou os lábios com força. — Ok, vamos esquecer a secção do café do espectáculo de hoje.

À vontade, dirigiu-se a um armário pintado, abriu-o e escolheu um decantador de *brandy*. Serviu dois copos e foi sentar-se no banco diante da poltrona de Pilar.

— Bebe, querida. Estás pálida.

Sem dizer nada, Pilar abriu a mão. A aliança brilhou uma vez à luz da lareira.

— Sim, imaginei isso, quando percebi que a vadia não parava de exhibir o pedregulho no dedo. Merecem-se um ao outro. Ele nunca te mereceu.

— Estúpida, estúpida por ficar abalada desta forma. Há anos que não estamos casados, não no verdadeiro sentido da palavra. Mas são trinta anos, Helen. — Mostrou a aliança e, ao olhar através da circunferência vazia, viu a sua vida. Estreita e encapsulada. — Bolas, são trinta anos. Ela ainda andava de fraldas quando conheci o Tony.

— Essa até dói. Pronto, ela é mais nova e tem mamas maiores. — Helen encolheu os ombros. — Sabe Deus que só esses motivos são suficientes para a odiar como o raio. Estou contigo, tal como o resto do pessoal. Mas pensa nisto. Se ela ficar com ele, quando chegar à tua idade, vai andar a dar-lhe papinha de bebé e a mudar as fraldas *dele*.

Pilar soltou uma gargalhada sonora. — Odeio o estado a que cheguei, e não sei como partir para outro sítio qualquer. Nem sequer reagi, Helen.

— Então, não és uma guerreira. — Helen levantou-se para se sentar no braço da poltrona, passando o braço sobre o ombro de Pilar. — És uma mulher linda, inteligente e generosa que se meteu num mau negócio. E raios me partam, querida, se esta porta que finalmente se fecha não é o melhor para ti.

— Céus, agora pareces o Tony.

— Não é preciso insultares-me. Além disso, ele não falava a sério, mas eu sim.

— Talvez, talvez. Agora não consigo ver tudo com clareza. Não consigo prever a próxima hora, quanto mais daqui a um ano. Céus, nem sequer o obriguei a pagar por tudo. Nem tive coragem para o obrigar a pagar.

— Não te preocupes, que ela trata disso. — Helen debruçou-se e beijou o alto da cabeça de Pilar. Nenhum homem como Tony devia passar pela vida sem pagar, pensava.

— E se o quiseres queimar um bocadinho, ajudo-te a elaborar um acordo de divórcio que o vai deixar com cicatrizes permanentes e um testículo mirrado.

Pilar esboçou um sorriso tímido. Podia sempre contar com Helen. — Por mais engraçado que possa parecer, ia só arrastar mais o problema e dificultar as coisas para Sophie. Helen, que raio hei-de fazer com a nova vida que me largaram no colo?

— Haveremos de pensar nalguma coisa.

Sophia também andara a pensar bastante. Já estava a ficar com dor de cabeça de ler as páginas do contrato. Apanhara o principal, até assimilara os aspectos legais. E o principal era que *La Signora* mantinha o controlo como sempre. No decurso do ano seguinte, Sophia teria de provar o seu valor, algo que pensava já ter feito. Se assim fosse, para grande satisfação

da avó, algum do muito desejado controlo passaria para as mãos dela.

Bom, era o que ela queria. Não percebia muito bem a forma como o ia conquistar. Mas percebia o raciocínio.

A parte mais difícil estava em conseguir vislumbrar o raciocínio da avó. Talvez porque, afinal de contas, ambas pensavam de forma muito parecida.

Não se interessara muito nem a fundo pela produção de vinho. Amar as vinhas pela sua beleza, conhecer o básico não era o mesmo que investir tempo, emoções e esforço nelas. E se um dia ia ficar no lugar da avó, tinha de o fazer.

Talvez preferisse as salas de reuniões aos tanques de fermentação, mas...

Desviou o olhar para Tyler, que franzia o sobrolho para o próprio contrato.

Este preferia os tanques às salas de reuniões. Decerto fariam um bom par empresarial, ou em contraste um com o outro, imaginava ela. E ele tinha tanto em jogo como ela.

Sim, *La Signora* fora, mais uma vez, brilhante, tanto quanto implacável. Agora que o seu mau génio se desvanecera para dar espaço ao puro senso comum, conseguia ver não só que podia funcionar, mas também que iria.

A não ser que Ty empatasse tudo.

— Não gostas, — disse ela.

— Que raio é que há aqui para gostar? Foi uma maldita emboscada.

— Concordo. É o estilo da *nonna*. As tropas alinham-se mais depressa e de forma mais organizada, quando lhes das ordens segundos antes da batalha. Se lhes deres tempo de mais para pensar, são capazes de desertar das trincheiras. Estás a pensar em desertar das trincheiras, Ty?

Ele ergueu o olhar perdido, e viu o gelo nos seus olhos.

Duros e frios. — Há oito anos que dirijo a MacMillan. Não a vou abandonar.

Não, ele não ia ceder. — Ok, vamos começar daí mesmo. Queres o que queres, eu quero o que quero. Como é que o vamos obter? — Ela levantou-se de um empurrão, para começar a caminhar. — É mais fácil para ti.

— Porquê?

— No fundo, eu tenho de abdicar do meu apartamento e mudar-me aqui para casa. Tu ficas onde sempre estiveste. Eu tenho de fazer um curso intensivo de produção de vinhos, e a ti basta socializar e ir a umas reuniões de vez em quando.

— Achas que é mais fácil? Socializar envolve pessoas. Não gosto de pessoas. E enquanto estiver nas reuniões sobre coisas para as quais me estou a borrifar, um tipo qualquer que nem conheço vai andar a olhar por cima do meu ombro.

— Do meu também — ripostou ela. — Afinal, quem é esse David Cutter?

— Um executivo, — disse Ty, contrariado.

— Não deve ser só isso, — murmurou Sophia. Se acreditasse, não teria ficado preocupada. Sabia como lidar com executivos. — Só temos que descobrir o que mais ele é. — Era algo que podia tentar deslindar dentro em breve, e com alguma minúcia. — E vamos ter de encontrar uma forma de trabalhar com ele, e nós os dois juntos. A última parte não deve ser muito difícil. Há anos que nos conhecemos.

Ela movia-se depressa onde ele também escolhera caminhar. Raios o partissem se não a conseguia acompanhar. — Não, não nos conhecemos. Eu não te conheço a ti, nem o que fazes ou porque o fazes.

Ela pousou as palmas das mãos sobre a mesa e inclinou-se para a frente. O seu rosto magnífico ficou mais perto do dele. — Sophia Tereza Maria Giambelli. Comercializo

vinho. E faço-o porque sou boa. Dentro de um ano, vou ficar com vinte por cento de uma das maiores, mais bem sucedidas e importantes empresas de vinhos do mundo.

Ele levantou-se devagar, imitando a pose dela. — Tens de ser boa, mas isso não chega. Vais ter de sujar as mãos, as botas de marca vão ficar cheias de lama e vais estragar essa bela manicura.

— Achas que não sei como se trabalha, MacMillan?

— Acho que sabes sentar-te à secretária ou viajar de avião em executiva. Esse teu traseiro superior vai ver a vida menos agradável no próximo ano. Giambelli.

Ela viu a tonalidade vermelha que lhe toldava a visão, um claro aviso de que o mau génio começava a levar a melhor e de que estava prestes a fazer alguma idiotice. — Apostamos. Cinco mil dólares, em como sou melhor produtora de vinho do que tu és executivo, até ao final da época.

— Quem é que decide?

— Alguém neutro. David Cutter.

— Combinado. — Estendeu o braço e agarrou-lhe a mão esguia na sua enorme e dura. — Vai comprar umas roupas e botas de trabalho, em vez do último grito da moda. Espero que estejas pronta para começar a primeira aula amanhã, às sete da manhã.

— Ótimo. — Cerrou os dentes. — Ao meio-dia terminamos, e vamos até à cidade para a tua primeira aula. Podes tirar uma hora para comprar fatos decentes que tenham sido desenhados na última década.

— Tens de te mudar para cá. Porque é que temos de ir à cidade?

— Porque preciso de uma quantidade de coisas do meu escritório, e tu precisas de te familiarizar com a rotina de lá. Também preciso de trazer umas coisas do meu apartamento.

Tens as costas largas e o teu traseiro também não é nada mau, — acrescentou, sorrindo com leveza. — Podes ajudar-me na mudança.

— Tenho que dizer uma coisa.

— Vamos lá ver. Deixa-me preparar-me.

— Não gosto da tua boca. Nunca gostei. — Enfiou as mãos nos bolsos porque quando ela mostrava aquele sorriso trocista, tal como fazia agora, tinha uma imensa vontade de lhe dar com uma delas. — Mas não tenho nada contra ti.

— Oh, Ty. Isso é tão... comovente.

— Olha, vê se te calas. — Passou a mão pelo cabelo e voltou a enfiá-la no bolso. — Fazes o que fazes só porque és boa. Eu faço o que faço porque adoro. É a única coisa que sempre quis fazer. Não tenho nada contra ti, Sophia, mas se tiver a impressão de que vais pôr em causa as minhas vinhas, dou cabo de ti.

Intrigada e desafiada, estudava-o de um novo ângulo. Quem diria que o rapaz da porta ao lado pudesse ser implacável? — Está bem, estou avisada. O mesmo conta para ti, Ty. Não importa o que tenha de fazer, vou sempre proteger o que é meu.

Soltando um suspiro, desceu o olhar para os contratos, voltando a erguê-lo para o dele. — Acho que estamos na mesma página.

— É o que parece.

— Tens uma caneta?

— Não.

Avançou até uma cómoda e encontrou duas numa gaveta. Ofereceu-lhe uma e folheou o contrato até à página da assinatura. — Acho que podemos ser testemunhas um do outro. — Respirou fundo, retendo o ar nos pulmões. — Contamos até três?

— Um, dois. Três.

Em silêncio, assinaram, passando os contratos de um lado para o outro, testemunhando.

Como tinha o estômago às voltas, Sophia encheu os copos e esperou que Tyler erguesse o dele. — À nova geração, — disse ela.

— A uma boa colheita.

— Sem uma não teremos a outra. — Com os olhos fixos nele, brindou. — *Salute...*